C. PICONE CHIODO
Advogado junto á Côrte de Apelação de Milão

A Verdade Espiritualista

Vivem os mortos e podem comunicar-se conosco?

Tradução de
GUILLON RIBEIRO
Conforme os direitos concedidos á
FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA

1938
LIVRARIA DA FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA
28, Avenida Passos, 30 —— Rio de Janeiro

BEDESCHI — imprimiu

TABOA DAS MATERIAS

Algumas das apreciações feitas sobre a edição italiana da presente obra e ligeira nota do seu tradutor em português .. I

Dedicatoria 7

Introdução 9

Cap. I: "Fenomenos espiritas" 17

Cap. II: "Classificação dos fenomenos" 23

Cap. III: "Classificação dos mediuns". 35

Cap. IV: "Experiencias espiritas" 43

Cap. V: "Experiencias de Crookes" . 87

Cap. VI: "Realidade dos fenomenos" . 105

Cap. VII: "Diferentes hipoteses" 127

Cap. VIII: "Fenomenos premonitorios" . 147

Conclusão 163

Algumas das apreciações feitas sobre a edição italiana da presente obra

E. Bozzano. — "... é excelente sua obra. E' um livro que vem na sua hora e não poderá deixar de fazer bem... Você atingiu brilhantemente o seu objetivo."

A. Mazorati. — "E' um livro que honra ao autor e á causa."

C. de Vesme. — "Minhas cordiais congratulações pela sua obra sincera e util, que li com interesse."

Professor e senador Chiappelli. — "O livro é bem conduzido e tem-se que esperar sirva a dissipar muitas duvidas no publico de inteligencia culta. Os pseudo-sabios e os naturalistas se revoltarão, mas o tempo pertence aos verdadeiros pensadores. Cordiais congratulações."

Advogado I. Calderone. — "Além da forma elegante e da ordem precisa que você imprimiu á exposição da copiosa fenomenologia, seu livro é verdadeiramente util e notavel."

Professor Pafumi. — "Minhas congratulações pela sua magnifica obra, que acho excelente sob todos os pontos de vista."

Advogado Zingaropoli. — "E' muito interessante a sua publicação."

Professor L. Luisada. — "Minhas congratulações pela sua bela obra, bem feita e que será proveitosa a muitas pessoas."

Professor Doutor V. de Simone. — "E' uma exposição lucida do que constitue o grandioso problema que encaminhará a humanidade para as puras fontes do amor e da fraternidade. Eu quisera que toda a gente a lêsse, para lhe perscrutar a grande importancia, afim de reconhecerem no autor um homem de grande talento e de nobre coração."

Marquez L. de Francia. — "Fui dos primeiros que leram o seu livro, que me deixou comovido e entusiasmado."

Luce e Ombra. — "... os primeiros juizos emitidos sobre esta obra, após dois meses apenas do seu aparecimento, por criticos competentes e jornais serios, os quais sobre ele escreveram com muita estima, demonstram bem tratar-se de um livro que devera ser lido, não só por todos os que se interessam pela natureza e pela historia das nossas pesquisas, mas, tambem, pelos que procuram uma base positiva para a vida moral."

Il Socolo, La Sera (Milão). — "... mesmo os que não aceitem as conclusões deste livro, escrito com grande serenidade e ponderação, não poderão negar alto valor moral e um tributo de admiração ao ardor de apostolo com que o sabio autor defende as razões de sua fé e do seu ideal."

L'Ambrosiano (Milão). — "... Novos estudos vieram projetar um pouco de luz sobre o misterio das ciencias psiquicas e, entre eles, o recente volume do Advogado Picone-Chiodo é certamente de contar-se no numero dos mais completos e dos mais concludentes..."

L'Ufficio Moderno (Milão). — "... E' um livro de doutrina e de fé, nobremente concebido e escrito."

La Toga (Napoles). — "... C. Picone Chiodo é bastante conhecido no mundo sabio e rico de cultura filosofica. Seu livro, meditado e escrito com muita clareza, se lê com grande prazer. Representa sem duvida uma bela contribuição para a teoria espiritualista."

Il Corriere delle Maestre (Milão). — "... A leitura destas paginas interessantes, cheias de vivo sentimento de amor fraternal, dá um sentido de religiosidade e, direi mesmo, de repouso ao espirito... O assunto é tratado com profundeza de pensamento e calor de sentimento... E' um irradiador de reconforto e de serenidade."

Il Veltro e La Luce (Cittá Della Pieve). — "Vivem os mortos e poderão communicar-se conosco? Esta a pergunta a que o autor responde com argumentos serios, prementes, persuasivos, que o mais ceptico leitor não poderá deixar de tomar em seria consideração. E' um livro de ouro, produzido por uma inteligencia viva e cultivada e uma conciencia honesta... Aconselho-o a todo mundo."

*

De nossa parte, mas sem de nenhum modo pretendermos emparelhar com qualquer dessas, emitidas por julgadores aptos a falar com autoridade e, portanto, com o direito de verem acatados os seus juizos, a nossa opinião carente de valor e de importancia, aditaremos ao que se acaba de ler o que da presente obra dissemos pelo *Reformador*, sob a impressão que nos ficara da sua leitura empolgante. Assim nos expressámos, ali:

Nenhuma obra se pode avantajar, por quaisquer titulos, ás que, como a desse doutissimo e fino escritor, Picone

Chiodo, que foi materialista e negativista obstinado, circunstancia que lhe dá sobeja autoridade para falar da maneira por que o fez em *A Verdade Espiritualista*, colimam eliminar, extirpando-o pelas raizes, o unico mal da atualidade humana, o materialismo, que avassalou ciencias e religiões e que somente pode ser combatido, conforme o sentiu e compreendeu aquele afamado criminalista, pela difusão, cada vez mais ampla e completa, da *unica* verdade salvadora: a verdade espirita, por ser a unica de natureza a reconduzir a humanidade á moral cristã, restaurando em toda a sua pureza o Cristianismo do Cristo.

Esse o alvo a que ele se dirigiu e que alcançou em cheio, produzindo um trabalho em o qual não se sabe o que mais admirar, se a proficiencia do analista e o criterio seguro do expositor, se a elegancia do estilo, o torneio aprimorado da frase e a clareza da linguagem.

Se a isto acrescentarmos que, a exemplo do que ha feito E. Bozzano, em suas monografias, com relação a cada classe ou especie de fenomenos mediunicos e com a mesma rigorosa e inatacavel logica, Picone Chiodo, tomando, aqui, alguns dos mais importantes e mais comprovados desses fenomenos em todas as categorias por eles formadas pulverizou as principais teorias inventadas para explica-los com exclusão da teoria espirita, teremos dito quanto é oportuna, conveniente e necessaria a difusão ampla desta obra, num momento em que, não sabendo mais o que inventar para combate-lo, nem do de que para tal efeito se hão de socorrer, os inimigos do Espiritismo, assim no campo da ciencia, como no da religião, se voltam aflitos e ansiosos para insubsistentes obras e publicações já inumeras vezes refutadas ponto por ponto, buscando apoio para os seus inócuos anátemas, quando se não socorrem, no intuito de impressionar os que ainda vacilam por ignorancia, de invencionices ridiculas, que não resistem ao mais ligeiro exame.

Que, pois, os espiritas dispensem a *A Verdade Espiritualista* o acolhimento que ela merece, fazendo-a chegar a todos quantos se achem aptos a apreciar, imparciais e sinceros, essa verdade, e a todos quantos, para se lhe renderem ao imperio, só precisam que lhes ela seja dada a conhecer com a simplicidade e a evidencia com que a apresenta Picone Chiodo.

O TRADUTOR.

DEDICATORIA

A todas as pessoas honestas;

A todas as almas de escol que, embora torturadas pelo anseio de Luz e Verdade, vagueiam nas trevas e no erro;

A todas as almas generosas que, desejosas de Paz e de Justiça, não ousam erguer para as estrellas o olhar;

A todas as almas que não sabem vivificar-se numa exata concepção da vida;

A todas as almas indecisas, afim de que compreendam o dever de formar-se a si mesmas;

A todas as almas depravadas, afim de que se emendem;

Dedico estas poucas paginas, que visam espalhar uma grande Verdade, a unica Verdade capaz de salvar os humanos do abismo para onde loucamente correm...

INTRODUÇÃO

Vai para alguns anos, era opinião comum que o delito e todas as outras manifestações ilegais e imorais da atividade humana na vida social constituiam uma exceção, uma anomalia em face da regra aceita e observada por todo mundo: o honeste vivere.

Devem ter-se por pouco numerosos os que afirmavam o contrario e tão verdade é isso, que unanime foi a oposição dos criminalistas, quando Albrecht, num Congresso de sociologia e antropologia criminais, ousou corajosamente afirmar que o delito, na vida social, é um facto normal.

Pode dar-se fosse então erronea aquela opinião; porém, hoje, infelizmente, ninguem mais a poderia sustentar, sem se pôr em contradição com a triste e penosa realidade. E' por demais evidente a derrocada moral da sociedade hodierna, para que alguem a possa negar! Com efeito, se, no termo delito, *houvermos de abranger todas as variedades das ações que como tais as leis penais definem e*

todas as outras manifestações que, não consideradas criminosas pelo direito positivo, são, todavia, tidas como imorais pela conciencia social, evidente se torna que o delito, hoje, aliás, como ontem, porém mais hoje do que no passado, é um fenomeno normal, muito normal, enquanto que a honestidade e a moralidade são tão raras quanto os oasis no deserto.

E' contristador, mas é assim! E o facto ainda mais verdadeiro parecerá, se, saindo dos limites ás vezes acanhados e com frequencia injustos que as leis e a moral dominante estabeleceram, nos elevarmos, quanto á concepção dos factos ilicitos, a um ponto de vista mais humano, mais de harmonia com o que devêra ser o sentimento geral, a saber: a honestidade, a solidariedade, a fraternidade humanas. Não ha porque insistir na demonstração desta tese, nem porque comprova-la por meio de exemplos: a sociedade atual, pela circunstancia mesma da sua organização, das suas concepções e das suas finalidades materialistas, é organica e necessariamente viciosa; portanto, o crime cresce nela, como um humus favoravel e o honeste vivere *não se concebe ou se encontra seriamente entravado.*

*
* *

Não pretendo escrever um livro de sociologia criminal, nem examinar todas as questões que se apresentam com relação ás causas que impelem ao delito, nem tãopouco os meios propostos para refreia-lo. Quero, entretanto, afirmar que a causa causarum *de tal derrocada é a concepção materialista da vida. E' precisamente essa concepção que cria o obstaculo principal á realização de tudo o que poderia encaminhar a humanidade para a senda da honestidade e da moral cristã, que veda aos homens o se odiarem, combaterem e destruirem desapiedadamente. Tambem não necessita de demonstração alguma o que acabo de afirmar: são de toda evidencia os efeitos psicologicos, economicos e morais, que os preceitos de tão nefasta escola geram.*

Uma teoria segundo a qual a nossa vida acaba com a morte e que, assim, subtrai do homem a fé numa vida futura, não pode deixar de engendrar a persuasão de que a vida nenhum outro objetivo tem além do gozo material e que o limite unico á atividade humana é o que as leis positivas lhe impõem.

A consequencia dessa situação é que o fator economico que, entre as causas da criminalidade, tem sem dúvida sua importancia, determinado a principio por necessidades fisiologicas, persiste hoje sob uma fórma muito

grave, em virtude da concepção materialista da vida.

E' efetivamente inegavel que, se a falta de equilibrio economico se explica e quasi justifica nas primeiras fases da humanidade, devido á limitação dos alimentos e á mentalidade selvagem do homem primitivo, inconcebivel se torna e sem razão nas epocas que se seguiram, mais florescentes e evolvidas — e hoje especialmente — se não recorrermos á hipotese materialista. Havendo pervertido os corações e destruido o sentimento de fraternidade humana, essa hipotese arrastou o homem a considerar os bens materiais como infinitamente preferiveis á sua propria salvação moral e á vida do seu semelhante. Tal se lhe tornou o egoismo, que se nega a assentir no sacrificio de uma pequena parte de seus haveres em beneficio dos pobres, sobre os quais pesa o infame privilegio do tributo criminal.

Será sempre assim, enquanto os homens se encontrarem oprimidos pelo pesado manto do materialismo, que os impede de erguer o olhar para as estrelas que espargem tanta luz viva de Bondade e de Paz e enquanto não adquirirem a convicção de que a finalidade suprema da vida é a elevação progressiva da nossa alma imortal.

Afirmo sem hesitar que o materialismo

é o maior e o mais grave erro do espirito humano e que a evidencia da sua absurdidade se demonstra por inumeros fenomenos, de cuja realidade já não é razoavel duvidar.

Os partidarios da tese materialista julgam conhecer toda a ciencia humana; mas, não podendo explicar esses fenomenos, negam-nos ou os consideram ilusões, como se todas as possibilidades houvessem de estar contidas no circulo dos seus conhecimentos, como se na terra e nos céus, conforme diz Shakespeare, não existissem senão as coisas que a nossa filosofia ha imaginado.

*
* *

Sabido é que os nossos conhecimentos são coisa insignificantissima, em presença da imensidade dos problemas do universo e da nossa vida. Muito a meude a nossa ciencia se mostra impotente e mal consegue explicar alguns poucos fenomenos. Temos, pois, que acreditar na existencia de leis e de forças ocultas que ignoramos. E, como não conhecemos todo o conjunto dessas leis e dessas forças, impossivel se nos torna medir a extensão da nossa ignorancia. Não podemos, sequer, saber se a nossa ciencia representa os noventa e nove centesimos ou um só centesimo

dessas leis e dessas forças! Daí resulta, diz Laplace, que nada filosofico seria negar a existencia dos fenomenos, unicamente porque são inexplicaveis no estado atual dos nossos conhecimentos.

Logo, ninguem deve negar, a priori, *os factos, se não quiser ser taxado de ignorante ou de tôlo: todos, ao contrario, devem estudar, observar os factos, para lhes afirmar a realidade, a autenticidade. Depois de escrupuloso exame, é preciso ver de que hipotese se ha de lançar mão para explica-los.*

Que a realidade desses factos já não pode ser negada, aptos estão a afirma-lo todos os que por eles seriamente se interessam.

Eu proprio, no passado, concebia a alma de maneira materialista, como o resultado da atividade funcional do cerebro e, em conferencias e no meu livro — Os novos horizontes da sociologia criminal *— manifestei essa convicção. Esta, contudo, nunca me induziu a zombar dos que sustentavam a serio a realidade dos fenomenos mediunicos e nem mesmo me afastou do estudo deles, nem da experimentação, por entender que a ciencia deve objetivar a descoberta da verdade. Ora, quem pode com absoluta certeza dizer o que é a verdade? Quantas coisas, dizia Montaigne, que, ontem, houveram constituido, para*

nós, artigos de fé, já não são hoje, para nós, mais que simples fábulas?

Quis eu então saber se o que se considerou a grande superstição do seculo XIX, uma nevrose epidemica, produzida pela fermentação de erros antigos, oriundos da ignorancia das leis cientificas, pelo temor da morte, pelo encanto do maravilhoso, não era, ao contrario, uma verdade experimental, uma realidade inegavel. Assim foi que, progredindo em meus estudos, observando, pesquisando, logrei convencer-me:

1.º De que existem fenomenos (premonitorios, hipnoticos, telepaticos, etc.) que não só nenhuma explicação encontram na ciencia, como, verificando-se, ao envez, segundo Lombroso o diz, no estado histerico e hipnotico — quando na desagregação das faculdades psiquicas prevalecem o automatismo e a inconciencia — se acham em completa oposição a todas as leis fisiologicas.

2.º De que existem fenomenos que se não podem explicar, a não ser pela teoria espirita, segundo a qual esses fenomenos, não somente são reais, não somente são espirituais, como tambem são produzidos, através dos mediuns, pelas almas dos trespassados, com o fito de nos darem a ver que elas existem, fornecendo-nos provas disso.

Ora, é por demais evidente que, se essa teoria está em contradição com a concepção absolutamente materialista da alma e da vida, ela não destroe a ciencia que, como ninguem ignora, se funda nos factos. O Espiritismo, por conseguinte, ou o novo espiritualismo, como lhe chamam os Ingleses, apoiando-se em experiencias e em factos comprovados, é um espiritualismo experimental e, portanto, totalmente positivo e cientifico. Por demais evidente tambem é que, em homenagem á logica, as hipoteses mais acreditadas têm que recuar diante dos factos comprovados, sempre que estes as desmentem. A não ser assim, revelariamos obstinação e a obstinação, como muito bem o disse Voltaire, é a energia dos tolos.

Passemos agora aos factos.

CAPITULO I

FENOMENOS ESPIRITAS

Em os numerosos livros e revistas que tratam de Espiritismo, tem-se a descrição e a documentação de factos maravilhosos de aparições espiritas e de casas assombradas pelos Espiritos.

Relatarei alguns casos, dentre os que parecem mais interessantes e mais convincentes, começando por expor a reaparição do fenomeno das mesas girantes, preludio de todo o moderno espiritualismo.

Digamos, primeiramente, que as praticas espiritas remontam á mais alta antiguidade. Traços se encontram delas até mesmo no *Deuteronomio*, de Moisés: "Que ninguem interrogue os mortos para conhecer a verdade", proibição que, aliás, não obstou a que Saul evocasse, por intermedio da pitoniza de Endor, a sombra de Samuel que, depois de lhe perguntar: "Porque turbas o meu repouso?"

acrescenta: "Amanhã, tu e teus filhos vireis juntar-vos a mim." No dia seguinte, com efeito, Saul, após assistir á morte de seus tres filhos em Gelboé, traspassou o peito com a sua propria espada.

Na Grecia, as praticas espiritas já existiam ao tempo de Homero, que narrou a viagem feita por Ulysses ao país dos Cimeros, para consultar a sombra de Tiresias.

Entre os pagãos, como se sabe, constituia pratica muito desseminada a evocação dos trespassados. Para esse fim elevaram-se templos, entre os quais um dos mais celebres era o de Dodona, na Tesprocia, o qual remontava aos tempos de Orfeu, que lá ia para evocar a sombra de sua mulher Eurídice.

Os antigos não falavam de Espiritos, mas de sombras que, segundo parece, eles consideravam o intermediario entre o corpo e a alma. As sombras eram interrogadas de diferentes maneiras pelos sacerdotes. Luciano enumera trinta e dois ritos diferentes.

Nos primeiros seculos do Cristianismo, a necromancia foi objeto de severa proibição, punindo Constantino com a pena de morte os que a praticavam. Na idade media os espiritas eram queimados vivos. Nem assim, entretanto, cessaram as praticas espiritistas. Os proprios Santos não hesitaram, ás vezes, de a elas recorrerem.

Hoje, muitas tribus selvagens se valem amplamente de tais praticas, por meio de ritos extraordinariamente complicados. Realmente, lendo o que, em perfeita concordancia, afirmam os viajantes acerca das crenças dos selvagens, vemos que estes não têm sacerdotes, porém taumaturgos e feiticeiros que, ao que eles crêem, dispõem do poder de comunicar-se com os Espirtos animadores da natureza, de lhes interpretar a vontade e acalmar os furores.

Mas, o verdadeiro Espiritismo começou pelas manifestações ocorridas na America. No ano de 1847, em Hydesville, um certo Wackman, ouve uma noite baterem-lhe á porta. Abre e verifica que ninguem havia. Ouve bater segunda vez, abre de novo e nada vê e, por fim, amedrontado com esse facto que se repetia frequentemente, abandona a casa.

Passou esta então a ser ocupada pelo Dr. John Fox e sua familia, que se compunha da esposa e duas filhas, Margaret, de quinze anos, de doze a outra, Kate.

Os Fox pertenciam á igreja episcopal metodista, da qual eram, segundo declaração da snra. Hardinge, "membros exemplares e incapazes de qualquer velhacaria ou embuste." As duas meninas Fox foram as heroinas da

casa donde havia de sair todo o moderno Espiritismo.

Factos singulares e surpreendentes entraram a produzir-se nas paredes da habitação por elas ocupada: ruídos insolitos, pancadas fracas ou muito violentas, estalidos nas portas e postigos, passadas humanas, deslocamentos de moveis pesados, tudo sem causa aparente. As duas moçoilas sentiam frequentemente o contacto de mãos invisiveis que as acariciavam, deixando-lhes uma sensação de frio. Tais fenomenos foram sempre em crescendo, até que certa noite os ruidos assumiram extraordinaria intensidade. Batendo as mãos, uma das meninas convidou o ruido a responder-lhe. O convite obteve resposta. Veiu a snra. Fox e disse: "Bate duas pancadas". Logo duas pancadas se ouviram. Foi a primeira manifestação inteligente do fenomeno que, até então, se conservara numa esfera puramente material.

A partir daquele momento, começou a familia Fox a dirigir perguntas ao ruido, perguntas a que o interlocutor invisivel respondia, sempre por pancadas nas paredes ou no centro de uma mesa.

"Dá duas pancadas". Duas pancadas são batidas. "Morreste de modo violento?" Duas pancadas. "Nesta casa?" Duas pancadas. "Está vivo o homicida?" Duas pancadas.

Em seguida, convencionaram com o Espirito pronunciarem sucessivamente todas as letras do alfabeto, batendo ele certo numero de pancadas, para indicar a letra que desejasse. Estabeleceram assim um meio facil, embora demorado e fastidioso, de se comunicarem com o agente invisivel. Uma noite, afirmou este que era o Espirito de um certo Charles Rayn, assassinado e enterrado na propria casa (circunstancia que se verificou exata, tendo sido achado o esqueleto), que sua mulher morrera dois anos depois, deixando cinco filhos, todos ainda vivos.

Forçada a sair de Hydesville, a familia Fox mudou-se para Rochester, acompanhada sempre pelo Espirito Rayn. Dali transferiu-se para Nova-York, onde esteve ameaçada de linchamento pela população ignorante. Tres comissões de cidadãos americanos foram sucessivamente nomeadas para observar os fenomenos e tres concluiram declarando "que nenhum embuste havia", o que acalmou a efervescencia do povo.

Em 1850, os drs. Mayer e Hase comprovaram de modo autentico o movimento das mesas em cujo derredor faziam circulo: mãos invisiveis que acariciam ou batem os assistentes, visão de um fluido acinzentado e toda sorte de ruidos, de agitações, de fosforescencias no aposento onde as experiencias se fa-

ziam. O Tribunal supremo de Nova York sancionou por um veredicto a afirmação dos sabios.

O fenomeno vulgarmente chamado "das mesas girantes" passou da America para a Europa. Travaram-se discussões que ficaram celebres. Começou-se a discutir, a accitar, a negar e importantes obras se publicaram, devidas a sabios ilustres.

Desde esse dia, por demais conhecidos se tornaram os progressos do Espiritismo pelo mundo, para que seja preciso lembra-los.

CAPITULO II

CLASSIFICAÇÃO DOS FENOMENOS

Numa obra de vulgarização, como esta, não seria de utilidade reproduzir as diferentes divisões que diversos autores estabeleceram para os fenomenos, tanto mais que o leitor encontraria a dificuldade de uma terminologia para ele inteiramente nova e, portanto, incompreensivel, que provavelmente o fatigaria.

Ora, eu não quero fatiga-lo e desejo ser compreendido. Apenas, pois, direi que os fenomenos se podem classificar em tres categorias prnicipais: *Fisicos, Quimicos, Intelectuais,* fazendo contudo notar que muitas vezes ha interferencias de umas nas outras, entre as tres categorias.

No primeiro grupo, temos os fenomenos puramente fisicos, entre os quais os sons de toda especie, desde os mais delicados aos mais violentos; os movimentos, sem contacto,

de objetos varios, tais como cadeiras, mesas, instrumentos de musica (1). Esses são os fenomenos mais comuns. Mais notavel é o transporte de objetos a grandes distancias, como flores ou frutos, cartas, brinquedos, etc. Temos tambem o fenomeno da levitação de um corpo humano (2) e algumas vezes o seu transporte a uma grande distancia.

Outros factos não menos extraordinarios são a subtração de moedas de dentro de caixas fechadas; a dilatação de aneis rigidos, ao ponto de poderem conter dentro de si corpos de circunferencia maior do que as deles; a passagem visivel de um objeto material através da materia, sem que o primeiro se quebre ou desagregue.

Ha igualmente fenomenos fisicos combinados com uma intervenção intelectual, quais o da escrita direta (sem ser a automatica, de que adiante falarei), o desenho (3) e a pintura produzidos de maneiras diferentes. Um papel lançado ao chão e apanhado alguns

(1) Com o celebre medium Home, obteve-se a levitação de um piano e com a Paladino a de um armario e de uma mesa com um homem em cima, tudo sem contacto.

(2) Home, na presença de muitas testemunhas, saiu por uma janela e entrou por outra.

(3) A snra. Helena Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosofica, afirmava que as instruções que recebia das suas Entidades lhe eram dadas por meio da aparição de uma mensagem inteira sobre uma superficie qualquer.

momentos depois se apresenta todo ele escrito, assim como outro encerrado numa gaveta ou colocado no fôrro do aposento, ou em outros lugares inacessiveis. Escritas são feitas entre duas louzas ligadas uma a outra e isso, muitas vezes, na presença e até sob as mãos daquele que pediu a escrita. Não raro a frase é formulada numa lingua que o medium ignora, ou numa que nenhum dos presentes conhece.

Outro fenomeno maravilhoso é o da escrita em muitas côres, sem que haja no lugar onde ela se produz qualquer materia corante. Pinturas muitas vezes surgem sob formas variadas: algumas a pastel, outras a oleo, outras á aguarela. Citam-se casos de pessoas que obtiveram pinturas em folhas de papel, um de cujos cantos fôra cortado para controle.

De excepcional importancia são, afinal, os fenomenos de "voz direta" e os de "materialização".

Nas experiencias de "voz direta", são ouvidas durante a sessão uma ou muitas vozes absolutamente diversas das do medium e dos assistentes. As entidades, falando, ora por meio de trombetas em forma de tronco de cone, ora sem o auxilio de instrumento algum, conversam com as pessoas presentes, cantam e dão provas de identidade.

Extremamente conhecidos são os casos de ectoplasmia ou materialização. O ectoplasma (1) aparece a principio como um véu ou uma massa gelatinosa, amorfa, que ao observador se afigura sair dos ouvidos, da boca, dos olhos, ou de qualquer outra parte do corpo do medium. Essa substancia entra a condensar-se pouco a pouco e a corporificar-se em formas concretas, tais como mãos, membros corporais, rostos, até chegar á materialização de corpos vivos que, a meude, falam e escrevem em todas as linguas conhecidas dos assistentes (2).

"Apresentavam-se mãos, relata Wallace, que escreviam de modo visivel e podiam ser tocadas. Em seguida, formavam-se figuras humanas e, por fim, após certo tempo, aparecia uma forma completa. Este fenomeno, conquanto o hajam posto em dúvida, está hoje comprovado e muito conhecido."

Lodge compara a materialização ao fenomeno do molusco a extrair da agua a materia da sua concha, ou do animal que assi-

(1) A palavra "ecloplasma" foi criada pelo professor Richet e designa a formação de materias diferentes que, na maioria dos casos, parecem sair do corpo humano (do medium) e adquirem o aspecto de uma realidade material.

(2) Com Eva Carrière (Maria Béraud), nas experiencias da snra. Bisson e do prof. Schrenck Notzing, observaram-se todas as fases da produção ectoplasmica.

mila a materia da sua nutrição e a converte em musculos, ossos, pele e penas. Do mesmo modo, essas entidades vivas, que ordinariamente se não manifestam aos nossos sentidos, embora estejam em relações continuas com o nosso universo psiquico, achando-se de posse de um corpo etereo, podem utilizar, temporariamente, as moléculas terrestres que os cercam, afim de constituirem para si uma especie de estrutura material, capaz de se manifestar aos nossos sentidos.

Obtiveram-se e obtêm-se ectoplasmas de rostos, de corpos em miniatura, perfeitamente formados. Com o medium Guzik, especialmente, observaram-se materializações, parciais e completas, de animais.

As fotografias das aparições materializadas e as moldagens conseguidas por meio da parafina, ou outras substancias plasticas, constituem verdadeira prova cientifica da realidade dos fenomenos. W. Crookes procedeu a pesquisas e publicou os resultados a que chegara. Com metodos propriamente seus, o grande quimico prosseguiu por longo tempo nas experiencias em seu laboratorio. As figuras foram fotografadas, pesadas e medidas. Ele pôs em ação todos os meios cientificos para chegar á prova e dado lhe foi declarar absoluta e positiva a existencia dos

sêres que temporariamente se podem materializar.

Para concluir este esboço referente á ectoplasmia, direi que partes da substancia ectoplasmica podem sobreviver ao desvanecimento da materialização. E' assim que Katie King deu uma mécha de seus cabelos a Crookes e Richet conserva uma que Phygéa consentiu lhe cortassem. Tive occasião de ver essa mecha de cabelos; mostrou-ma o Mestre ilustre. E' de linda coloração loura e a afirmação do grande sabio paira acima de qualquer suspeita. Garante Richet que ele proprio a cortou, quando da materialização de uma belissima entidade, que disse chamar-se Phygéa. Outra mecha de cabelos e um pedaço de véu me foram igualmente mostrados por Pedro Emilio Cornillier, ilustre autor da excelente obra: *"A sobrevivencia da alma e sua evolução após a morte* (Paris, Ed. Alcan). Tambem ele proprio as cortou de outra materialização. Havendo procurado em todos os grandes estabelecimentos comerciaes de Paris um véu semelhante áquele, não só nenhum encontrou, como os comerciantes do genero foram unanimes em lhe afirmar que, semelhante, nenhum existia no comercio, o que já a entidade predissera.

*
* *

Os fenomenos quimicos consistem, sobretudo, na produção de corpos luminosos, sob a forma de globos fosforescentes, aparentemente solidos, de luzes, de pequenas chamas de cores diferentes e de formas diversas.

Após acurado exame, declarou Crookes que a quimica moderna é incapaz de lhes explicar a natureza e de produzir coisa semelhante.

Notavel é o fenomeno da proteção contra a ação do fogo. Home retirava do fogo um carvão em brasa e com esta na mão percorria a sala toda e tambem indicava quais os que eram capazes de manejar o fogo sem se queimarem. A esses, com efeito, entregavam-se brasas ardentes e eles nenhuma sensação experimentavam de queimadura. Certa vez, Hall, pintor muito conhecido, colocou sobre a cabeça uma bucha incandescente, que brilhou entre os seus cabelos brancos, ás vistas de muitas pessoas. Os cabelos não se queimaram e ele não sentiu a minima dor.

*
* *

Consistem os fenemenos intelectuais, principalmente, na escrita chamada automatica, isto é, produzida pelas mãos do medium, contra ou independentemente da sua vontade, e cujo contexto lhe ultrapassa os conhecimentos. Ha escritas de toda especie. A par das que constam de poucas palavras insignificantes, muitas ha contendo bons conselhos ou informações sobre assuntos que o medium ignora.

Outras são muitissimo interessantes e surpreendentes. E' maravilhoso o caso daquele sapateiro que, por meio da escrita automatica, concluiu o romance de Dickens — *Eldwin Drood* e o de Elza Backer, que escreveu as *Cartas de um morto sempre vivo*. Tambem ha o caso do filho de Victor Hugo, automaticamente, poesias, no estilo de seu Carlos, que, nas sessões de Jersey, escreveu, automaticamente, poesias, no estilo de seu pai.

Outros fenomenos são chamados de clarividencia e de clariaudiencia. O medium ouve e vê os Espiritos. As pessoas dotadas de tais faculdades descrevem o que vêem e repetem as palavras que escutam, de sorte que os amigos das entidades espirituais que se apresentam facilmente as podem reconhecer. Ás vezes, o medium tambem descreve o que se passa á grande distancia. Nesse caso, obtem-se o fenomeno que Meyers denominou "telestesia".

Ha ainda a visão do futuro, as premonições, com que me ocuparei mais adiante, por motivo da importancia capital desses fenomenos.

Outro, dentre os fenomenos intelectuais, é o do medium falar, no estado de sono magnetico. Quasi sempre, em seus primordios, esse fenomeno independe da vontade. O medium cae em transe e fala, inconciente do que diz, exprimindo, a meude, numa ou em muitos linguas que ignora (casos de xenoglossia), ou numa lingua que ele e todos os experimentadores desconhecem (glossolalia) e expondo considerações cientificas e filosoficas, embora seja totalmente iletrado. Numa mesma sesão em Roma, na casa do snr. U. B., em maio de 1930, diante de varias pessoas, entre as quais os meus caros amigos snr. e snra. Thomas Martini, espiritas cultos, o medium A. F., operario dos caminhos de ferro do Estado italiano, quasi iletrado e sem nenum conhecimento de linguas estrangeiras, falou muito bem em francês, inglês, alemão e árabe. E' de notar-se, nesse caso, que, se bem o snr. U. B. e alguns outros assistentes e eu conhecessemos a lingua francesa e o alemão, que é a de minha mulher, o inglês, salvo

algumas noções que o snr. U. B. e eu possuimos, e o árabe ninguem os conhecia.

Ainda um fenomeno muito importante da mediunidade intelectual é o das "correspondencias cruzadas", ou, como lhes chamava o snr. Flournoy, das "mensagens complementares". Consiste na escrita automatica e simultanea de duas ou de muitas mensagens, por dois ou muitos mediuns, longe uns dos outros, sem nenhuma relação entre si, habitando ás vezes cidades de países diferentes, portanto, desconhecendo-se. Cada uma de tais comunicações é fragmentaria e, as mais das vezes, incompreensivel, se isoladamente examinada. Confrontadas, porém, e combinadas, adquirem significação inteligente. Uma mensagem, por exemplo, de seis periodos é ditada, ao mesmo tempo, a tres mediuns que se acham: um em Roma, outro em Paris, o terceiro em Londres. Mas, ao de Roma são ditados apenas o primeiro e o quarto periodo, enquanto que o de Paris escreve o segundo e o quinto e o de Londres o terceiro e o sexto. Nenhum desses tres escritos tem, por si só, qualquer significação concludente; combinados, porém, os tres formam uma mensagem logica e completa. Nesse caso, a entidade, para provar a sua independencia e a sua individualidade, ministra todas as indicações e todas as instruções

necessarias e diz a cada um quais foram os outros mediuns que escreveram as partes complementares.

Afóra os fenomenos de que acabo de dar rapida noção, ainda ha os que se produzem nas casas assombradas pelos Espiritos e os em que o fantasma que aparece é o de um moribundo, ou de uma pessoa que morreu faz pouco tempo e, ás vezes, de uma pessoa viva.

São raras e excepcionais essas aparições, porém, mau grado á sua raridade, diz Flammarion, um exame rigoroso nenhuma dúvida deixa sobre a realidade delas.

Temos, por fim, os fenomenos de obsessão e de possessão, que se produzem fóra das sessões espiritas. Nos primeiros (de obsessão), ha submissão mais ou menos completa da mentalidade do sensitivo á da entidade espiritual; nos segundos (de possessão), a personalidade do vivo é substituida pela do defunto.

Em consequencia de uma obsessão, que se prolongou por muitos meses, na Africa do Norte, foi que o escritor francês Gabriel Gobron se filiou ao Espiritismo e se tornou um dos mais esclarecidos espiritas militantes. Ele assistiu, em 1919, a uma sessão espirita de manifestações extraordinariamente violentas, por um jovem medium, saindo dela muito,

inquieto. Residindo então, em Sidi-Bel-Abbés, num apartamento onde (sem que ele o soubesse) o seu antecessor se enforcara num leito de ferro, Gobron começou a ser obsidiado por ele, cujo Espirito dali não se afastava. Em vão retirou-se para Alger, afim de repousar. Parecia-lhe trazer "colada á sua pele" uma entidade invisivel, que o lançou em verdadeira depressão fisica e o ameaçava de lhe fazer perder a razão. Curou-o dessa obsessão o snr. Mira, fundador *de L'Aube Nouvelle* (A Nova Aurora). Após esse batismo de fogo, o valoroso autor de *Yan*, de *L'Ermonec*, de *Histoires Lorraines*, de *Contact avec la jeune génération allemande*, de *Raspoutine et l'orgie russe*, etc., esqueceu as sombras do Espiritismo, para lhe descrever com entusiasmo as maravilhosas claridades.

CAPITULO III

CLASSIFICAÇÃO DOS MEDIUNS

Os mediuns, segundo os fenomenos que por eles se produzem, podem ser classificados assim:

1) — *Tiptologicos*, pelos quais as comunicações são transmitidas mediante pancadas da mesa, ou mediante o deslocamento de uma agulha sobre um alfabeto colocado em cima da aludida mesa. São os mais numerosos e os menos importantes. Frequentemente cometem erros.

2) — *Motores*, os que dão lugar a que se movam cadeiras, mesas, poltronas, etc.

3) — *Falantes*. Do numero destes era Morse, de quem dizia Serjeant Cox: "Propus-lhe as mais dificeis questões de psicologia e sempre obtive respostas judiciosas, em linguagem apurada e elegante. Um quarto de hora depois, no entanto, era incapaz de res-

ponder á mais simples pergunta, chegando mesmo a não encontrar termos com que exprimisse um lugar comum."

A' mediunidade falante se agrega uma faculdade notavel: a da incarnação e da transfiguração. O medium é como que possuido por outra personalidade e figura o possessor com tão grande perfeição na voz e nas maneiras (havendo não raro mudança fisica), que parece ser o proprio Espirito que procura dar-se a conhecer.

Pode, ás vezes, em tais casos, conversar com pessoas que falam num idioma dele desconhecido.

Temos uma prova positiva desse facto no caso da filha do juiz Edmonds. De cultura muito rudimentar, ela frequentemente conversava, em diferentes linguas, européias ou indianas, das quais, no estado normal, nenhuma noção revelava ter.

Cita-se tambem a srta. Isabel Beecker Hooxer, como um dos mais singulares mediuns de incorporação. Viam-na, quando em transe, mudar de aspecto ao ponto de assemelhar-se áqueles que por seu intermedio falavam.

4) — *Escreventes intuitivos*: os que escutam no cerebro uma voz que lhes dita o que escrevem. Tal era Allan Kardec.

5) — *Curadores*. São os que, tudo ignorando de medicina, obtêm por vezes excelentes resultados. "Vi, diz Lombroso, uma mulher, muito estupida, fazer melhorar, durante dois ou tres meses, uma consumpção do ultimo gráu, por meio de exercicios musculares convenientemente aplicados."

Mostram-se capazes de ver e descrever toda a anatomia interna, de descobrir as enfermidades, de lhes determinar a séde e indicar a natureza, de prescrever os remedios. Em outros casos, o medium se revela capaz de conseguir uma cura, pela só imposição das mãos.

"Sem embargo do cepticismo que ainda reina em certos meios, diz muito bem o eminente sabio suisso Raul Montandon, em sua excelente e original obra *As radiações humanas*, deve-se ter por certa a existencia dessa força que o organismo humano irradia e cuja realidade se pode demonstrar: *a)* pela sua ação sobre o homem (inclusive as crianças de tenra idade); *b)* pela sua ação sobre os animais e os microrganismos; *c)* pela sua ação sobre os vegetais; *d)* pela sua ação sobre certos corpos inertes; *e)* pela sua ação sobre a chapa fotografica.

"... Todo o magnetismo curador, conhecido e praticado desde a mais remota

antiguidade (1), se baseia na ação da força magnetica que sae do organismo do magnetizador e se projeta sobre o orgão enfraquecido ou enfermo do paciente.

"... A terapeutica magnetica acha-se hoje solidamente firmada e a sua intervenção se pode considerar eficaz, assim nos casos de enfermidades agudas, como nas afecções cronicas... Verdadeiras ressurreições se têm obtido, até mesmo, ás vezes, de moribundos abandonados pelo corpo medico. O papel ativo e benfazejo do fluido magnetico pode ser posto em toda a evidencia pela redução de inchações e tumores, pela cicatrização de chagas, de ulceras, de dartros e de abcessos."

6) — *Pintores,* os quais, nada conhecendo de desenho, entram de subito a executar pinturas. Tal aquele Machner, marinheiro alemão, que pintava quadros de flores e paisagens, e, tambem, aquela camponeza, igualmente alemã, que, sem jamais haver pegado num pincel ou num "crayon", desenhou e

(1) Já em baixos relevos e pinturas do Egito antigo figuram as praticas da cura magnetica pela imposição das mãos. Por outro lado, num papyrus de Tebas foi encontrada uma longa fórmula, cuja tradução resumida é a seguinte: "Coloca tua mão sobre ele (o doente), para lhe acalmar a dor, e dize que a dor se vá." (RAUL MONTANDON, *As radiações humanas.* Felix Alcan. Paris, 1927).

pintou figuras complicadas e muito elegantes e belissimas flores. Outros ha que rapidamente compõem no escuro quadros a oleo, que exigiriam dias inteiros de trabalho. Sardou, Hugo de Alesi pintavam automaticamente, trabalhando ao acaso, e, no entanto, chegaram até a fazer retratos.

Fernando Desmoulin, que, aliás, era artista, quando pintava como medium, executava em plena escuridão obras importantes e num tempo curtissimo (25, 40 minutos). Tambem pintava com a cabeça metida num saco. Desperto e sem se achar em transe, embora fosse pintor, não conseguia acabar aquelas pinturas. Hugo de Alesi, que não era pintor, chegava a fazer retratos de mortos desconhecidos.

7) — *Fotografos,* em cuja presença aparecem, nas chapas fotograficas, retratos de pessoas falecidas.

8) — *Fontanarios,* que descobrem fontes e metais escondidos no sub-solo.

9) — *Desmaterializadores,* os que operam trazimentos do exterior, conservando-se fechadas e intactas portas e janelas.

10) — *Acusticos,* os que ouvem as vozes dos Espiritos, tais como Joana d'Arc, cuja historia é muito conhecida.

11) — *Fotóforos,* os que provocam luzes mais ou menos dilatadas.

12) — *Glossólogos,* os que falam linguas que eles proprios desconhecem.

13 — *Premonitorios,* os que profetizam. Bastante conhecidas são as profecias de Nostradamus e Cagliostro.

14) — *Musicos,* os que, sem conhecerem uma nota de musica, tocam com maestria. Entre outros, cita-se o caso da filha do senador Tallmage que, aos 13 anos, nada sabendo de musica, executava em transe, de modo surpreendente, composições de Beethoven, de Mozart e outros autores.

15) — *Incombustiveis,* os que, sem se queimarem, seguram brasas com as mãos (Home).

16) — *Volantes,* os que desaparecem de repente e reaparecem a grandes distancias, como os irmãos Pansino de Ruvo, estudados por Lapponi, os quais, 10 minutos depois de haverem desaparecido em Trani, apareceram em Ruvo.

17) — *Materializadores* (1). Um medium de singulares materializações foi a senhora d'Esperance. Muito interessante o seu livro: *No país da sombra,* que contém 28 fotografias de Espiritos materializados. Entre as experiencias a que se prestou, é das mais importantes a de Helsingfors, em 11 de dezembro de 1893. Durante essa experiencia, a medium, ao querer descansar as mãos sobre os joelhos, notou que suas pernas se haviam desmaterializado. O excepcional fenomeno foi comprovado pelos assistentes e induziu Aksakof a escrever um volume.

(18) — *De voz direta.* Os mais poderosos mediuns, quasi direi: os mediuns por excelencia são os fakires hindús, capazes que se revelam de produzir os mais espantosos fenomenos. Escusado dizer que me refiro aos verdadeiros fakires, que se não devem confundir com os que se exibem nos teatros para auferirem proventos materiais e que apenas fazem passes de prestidigitação.

O fakir autentico é uma Brahmane a quem está confiado o encargo de evocar os Espiritos, o que, porém, ele só faz ao cabo de longa serie de estudos, de experiencias, de meditações sobre os livros sagrados, os Vedas, o Ramayana, o Agruchada-Parikchai

(1) *O medium de materialização* — diz com grande acerto o diretor da *Revue Spirite Belge,* snr. J. Lhomme, em sua obra *O Além ao alcance de todos* (Paris, Ediç. Jean Meyer) — é o que exterioriza fluido mediunico ou ectoplasma, em quantidade que permite a materialização parcial ou total de um Espirito.

ou *Livro dos Espiritos*, onde aprendem as praticas apropriadas a pôr as almas dos mortos em contacto com os vivos, afim de os instruir.

O fakir, diz Jacolliot: 1) não dá representações publicas em lugares onde a presença de muitas pessoas torna impossivel todo controle; 2) apresenta-se nas casas desacompanhado e inteiramente nú, apenas com um pequeno calção; 3) trabalha como o queiram as pessoas em cuja casa se ache; 4) se se lhe faz necessario um objeto qualquer, pede que lho emprestem; 5) recomeça suas experiencias tantas vezes quantas o quiserdes, afim de vos permitir completa verificação; 6) nunca pede remuneração alguma e tão somente aceita uma esmola para o templo onde reside.

CAPITULO IV

EXPERIENCIAS ESPIRITAS

Começarei relatando as experiencias do professor Lombroso (1).

Toda gente conhece esse grande sabio como o pai da antropologia criminal, mas bem poucas pessoas conhecem o Lombroso espirita. Para a sua conversão ao Espiritismo contribuiram Hercules Chiaia e o saudoso diretor da revista *Luce e Ombra*, Angelo Marzorati. Chiaia, fundando-se nas maravilhosas experiencias com a Paladino, lançou, pela brilhante carta que se segue, publicada

(1) A todos os que desejem aplicar-se ao lado pratico do Espiritismo, indispensavel se torna o livro do senhor J. Lhomme, *O Além ao alcance de todos*, por estabelecer com precisão as condições em que nos podemos pôr em comunicação com o mundo invisivel, as leis da mediunidade, os meios de se desenvolver, aperfeiçoar e utilizar a faculdade mediunica, o condicionamento e a organização das sessões, etc., como apropositadamente o acentuou o conhecido e valoroso diretor da *Revue Spirite*, snr. Hubert Forestier.

no jornal *Il Fanfulla della Domenica*, ano X, n. 34, o seu celebre desafio ao professor Lombroso.

UM DESAFIO A PROL DA CIENCIA

Carta ao Snr. Professor Cesar Lombroso

Senhor Professor,

"No vosso artigo — *A influencia da civilização sobre o genio* — a par do muito que contém de gosto, de logica e de saber, ha um feliz e sentencioso periodo que me pareceu a sintese do movimento cientifico mundial, desde o momento em que o homem adotou esses quebra-cabeça que se chama "o alfabeto", até á nossa tempestuosa epoca.

"Dissestes: "Nenhuma idade é madura para as descobertas que não tinham precedentes, ou cujos precedentes eram escassos e, não estando madura, é incapaz de se aperceber da sua inaptidão para as adotar. A repetição da mesma descoberta, preparando o cerebro para lhe sofrer a impressão, pouco a pouco vai encontrando os espiritos menos hostis á sua adoção. Durante dezeseis ou vinte anos, na Italia, foi tido por louco aquele que descobria a pilagra e ainda hoje o mundo academico ri da antropologia criminal, ri do hipnotismo, ri da homeopatia.

Talvez que os meus amigos e eu, que riamos do espiritismo, estejamos em erro e, a exemplo de muitos alienados, nos encontremos longe da verdade, a rir dos que dela se aproximam."

"Ora, abalado por esse periodo, tão compreensivo e tão luminoso, que acho muito a proposito com relação a uma coisa de que me ocupo, ha já algum tempo, dele me aproveito com prazer e sem tardança, para lhe enviar diretamente, sem intermediarios que me alterem os propositos e observando as mais perfeitas regras do cavalheirismo, um cartel de desafio.

"Não vos alarmeis, peço. Trata-se de um desafio que não terá consequencias sangrentas. Sairemos a campo com armas cortezes e, qualquer que possa ser o resultado do encontro, o facto será sempre incruento e util á grande causa da verdade.

"O caso, aqui tendes, é o de uma outra especie de pilagra que alguns descobriram no organismo humano e que a maioria dos homens se obstina em não querer reconhecer, ou, sequer, observar. E' uma enfermidade que alguns comprovam todos os dias, cujas causas ignoram, que não sabem mesmo como denominar, mas que, entretanto, nem por isso é menos evidente, ou resiste menos á prova de todos os sentidos, especialmente

o do tacto, controlador geral de todos os conhecimentos, como o declarou o nosso seculo, apodítico por excelencia; uma enfermidade que se submete ao exame da ciencia contemporanea e da qual a ciencia, por unica resposta, ri, fazendo a careta de Pirron, provavelmente porque, conforme bem o dizeis, a epoca ainda não está madura. Autor, porém, que sois, do maravilhoso periodo acima reproduzido, vós, que de certo não escreveis para estadear luxo de palavras, não haveis, a vosso turno, de sorrir. Espero que tal não se dê, quando fordes convidado a observar um facto muito singular, digno talvez da atenção e da qualidade do espirito de um Lombroso.

"A doente é uma mulherzinha, de modestissima condição social, com cerca de trinta anos, robusta, iletrada e cujo passado, porque vulgarissimo, não merece esquadrinhado; que nada apresenta de notavel, a não ser as pupilas de fascinante brilho e essa potencialidade, que os modernos criminalistas diriam irresistivel. Quando o quiserdes, essa mulherzinha será capaz de, encerrada numa sala, divertir durante horas, por meio de surpreendentes fenomenos, todo um grupo de curiosos mais ou menos cépticos, ou mais ou menos acomodaticios.

"Atada a uma cadeira e com as mãos

imobilizadas entre os braços dos espectadores, possue ela a faculdade de atrair um dos moveis circunjacentes, de o levantar, de o manter suspenso no ar, de faze-lo descer de novo com ondulações que parecem devidas á influencia da vontade, de aumentar-lhe o peso, ou de torna-lo mais leve, a seu bel prazer. Ela faz ressoar pancadas e batimentos nas paredes, no tecto, no assoalho, com a cadencia e o ritmo que se lhe pedem. Desenha a lapis em papeis que lhe são apresentados, ou nas paredes, ou alhures, caracteres, numeros, palavras, bastando-lhe para isso estender o braço, na direção do ponto que se lhe indique. Logo aí aparecerão os desenhos e escritos. Colocado num canto da sala um vaso com argila mole, passados alguns instantes, lá está a marca ou de uma mãozinha, ou de uma mão grande, ás vezes um rosto, de frente ou de perfil, minuciosamente detalhado e do qual, no dia seguinte, se podem tirar moldes em gesso. Desses moldes já possuo uma grande coleção, toda de tipo constante, mas em atitudes diferentes. Eleva-se tambem no ar a mulherzinha, quer amarrada, quer tendo livres os membros, em atitudes singulares, bizarras, contra todas as leis da estatica e como que derrogando as da gravidade. Faz que nos ares, acionados por mãos ou por bocas de gnomos invisiveis, toquem

realejos, campainhas, tambores e instrumentos de sôpro.

"Direis: um caso classico de hipnose; um fakir que se diverte á vossa custa..." Perdão, Senhor Professor, não adultere a questão. Seria uma hipnose, se fosse momentanea a ilusão e se tudo, logo em seguida, se desvanecesse. Se, porém, no dia imediato, ainda se encontrassem documentos e traços, comprovando a realidade dos fenomenos, que dirieis?

"Permiti que eu continue. A mulher de quem falo, em dadas circunstancias, tem a faculdade de aumentar de algumas dezenas de centimetros a sua estatura; de transformar-se num boneco de borracha que se alonga e encurta por si mesmo e, qual automato de novo genero, toma formas caprichosas. Quantas pernas tem ela? Não o sabemos! Quantos braços? Tãopouco. O que é certo é que, além das suas pernas, presas sempre entre as de alguns dos assistentes, uma terceira surge que não tem o seu pé, nem o seu sapato, e que deixa suspeitar da intervenção de um corcundinha misterioso. Peço que, por enquanto, não vos ponhais a rir, Senhor Professor, pois que eu apenas disse: deixa suspeitar; nada afirmei. Aliás, depois, tereis tempo de sobra para rir.

Quando ela se acha atada com cordeis

como uma salchicha e, até, para maior segurança, sob selos, eis que aparece um terceiro braço e se põe a fazer uma serie de brincadeiras: tira os gôrros, os relogios, as moedas, os aneis, os grampos de cabelo e os repõe em seus lugares, com a facilidade e a rapidez com que o faria a mão de uma camareira. Tira o paletó, o colete, os sapatos ás pessoas presentes, penteia os cabelos — a quem os possue, bem entendido — retorce bigodes, acaricia e, se lhe apraz, regala com um sôco... amistoso, porquanto, tambem tem ela seus momentos de mau humor. E' sempre uma mão vulgar (ao passo que a da feiticeira de quem se trata é uma mãozinha muito apreciavel), calosa, de unhas recurvas, umas vezes revelando calor natural, outras vezes com a frialdade de cadaver, dando ao tacto a impressão da pele arrepiada de frio. Ela se deixa pegar, apertar, observar, tanto quanto — entendamo-nos — o permita a claridade existente na sala. Eleva-se, finalmente, no ar e aí se conserva suspensa, com o pulso para cima, os dedos para baixo, como essas mãos que se vêem nos mostruarios das luvarias; mas, podendo sempre ser tocada.

"Eu proprio, de espirito sereno, fóra do antro de Circe e livre da sua fascinação, juro que, as mais das vezes, ao recordar as minhas

impressões, acabo por não acreditar em mim mesmo, se bem que o testemunho dos meus sentidos e a minha conciencia persistam em me afirmar que não se trata de embustes ou de ilusões, tanto mais que uma serie de volumes de estimabilissimos experimentadores, antigos e modernos, aí estão para atestar a seriedade dessa... paradoxal charlatanaria!

"Depois, sempre coisas novas, indo até a dar (mas muito raramente) um bom-dia e um aperto de mão a alguem que, vestido como nós, se apresenta para desvanecer-se, dentro de alguns instantes, qual sombra. Apenas, estas manobras tão pouco naturais não podem ser exigidas da minha feiticeira, para que as repita todas de uma vez: declara ela que está sempre pronta a tudo, mas acontece que, escrupulosamente vigiada e examinada em sua pessoa, *protentato sinu,* conforme se praticava na Côrte de Tiberio, de quando em quando, ela deixa de cumprir suas promessas e não corresponde á espectativa impaciente dos experimentadores, o que constitue outro misterio que nos leva a supor, refletindo bem, que a faculdade exclusiva de determinar o maravilhoso fenomeno não está no arbitrio do individuo agente, porém, antes, num coeficiente necessario, num certo poder, desconhecido, misterioso, numa graça sobrenatural.

"De tudo isso decorre a necessidade de aprofundarem-se essas maravilhosas velhacarias e a necessidade de uma serie de experiencias que comprovem, pelo menos, uma boa parte delas e, assim, confundam tolos, os doentes do misoneismo, como bem dizeis, aos quais, é sabido, falta essa grande qualidade dos cerebros equilibrados, dos espiritos serios, que têm por suficiente um simples indicio provado á evidencia para entreverem a possibilidade de forças latentes, na natureza, para deduzirem, da queda de uma maçã ou do movimento de um pendulo, as grandes leis que governam o Universo.

"Ora, o desafio que vos lanço é este: se aquela frase magistral não a escrevestes por escrever, se alimentais verdadeiro amor á ciencia independente, se sois na realidade o primeiro alienista da Italia, tende a bondade de vir ao campo da luta e ficai certo de que vos medireis com um campeão tão fraco quanto probo.

"Quando dispuserdes de uma semana de repouso, para vos distrairdes dos estudos que vos são tão caros, em vez de empreenderdes, na proxima estação, uma vilegiatura, dignai-vos de marcar-me um lugar de encontro, que poderá muito bem ser Napoles ou Roma, ou, se o preferirdes, Turim e eu lá irei apresentar-vos a minha feiticeira.

Vós mesmo, Senhor Professor, escolhereis um compartimento, onde só entrarei quando houvermos de dar começo ás experiencias. Colocareis, vós mesmo, nesse compartimento, os moveis que julgardes conveniente lá estejam, os instrumentos que vos aprouver e, até, se quiserdes, um piano fechado á chave. Eu nada mais farei, senão entregar-vos a mulherzinha em trajes adamicos, afim de que não se imagine que ela esconde sob as roupas os seus utensilios. Apresentarei núa, como Eva, essa outra Eva, capaz de tirar da serpente a sua desforra e de a seduzir! Quatro cavalheiros assistirão ao ato, na qualidade de padrinhos, como é de uso em toda contenda cavalheiresca: dois escolhidos por vós e os meus... tambem por vós designados, sendo que a estes só desejo conhece-los no momento do encontro. Nem mesmo os cavalheiros da Mesa Redonda vos concederiam condições melhores!

"Estabeleço, porém, uma condição: se a experiencia para que vos convido resultar completamente nula, nenhuma contemplação será tida; peço que, então, me aponteis publicamente como um visionario, que terá vindo espontaneamente á vossa procura para que o cureis da sua loucura; se, ao contrario, a experiencia, como prevejo, tiver bom exito, haveis de proclamar, com toda a lealdade e

sem rodeios, nem titicencias, nem subentendidos, a seriedade do maravilhoso fenomeno e prometer pesquisar-lhe as causas misteriosas. E' muito pouco o que peço; entretanto, esse pouco me basta!

"Por outro lado, se não aceitardes o encontro, dar-me-eis o direito de fazer-vos este formal reproche: as idades podem muito bem não estar maduras para o vulgo, porém, não para homens da inteligencia de um Lombroso, ao qual, hoje, já não é licito seguir o conselho de Dante:

Sempre a quel ver che ha faccia di menzogna
Dee l'uom chiuder le labbra quant'ei puote
Perocchè senza colpa fa vergogna.

(A' verdade que tenha aspecto de mentira deve o homem fechar quanto possa a bôca, pois que ela faz vergonha, embora não haja culpa.)

Com os meus melhores sentimentos..."

O professor Lombroso aceitou o desafio, mas exigiu que a experiencia se realizasse á plena luz meridiana. Como isto não fosse possivel, não teve seguimento o caso.

Pouco depois, o ilustre sabio, numa carta ao Snr. Chiaia, explicou melhor a causa da sua recusa, atenuando-lhe a gravidade. Contudo, a carta do desafio dera volta á Ita-

lia e ecoara mesmo no estrangeiro. O espanhol Otéro Acevedo e os italianos Brofferio e Finzi transportaram-se a Napoles e ai assistiram a uma serie de experiencias, cuja realidade e sinceridade reconheceram.

Achando-se, dali a algum tempo, em Napoles, por motivos profissionais, Lombroso, novamente convidado por Chiaia para assistir a uma sessão, *afim de lhe desmascarar a impostura* acabou anuindo e, no mês de março de 1892, sob as mais rigorosas condições de contrôle, muitas sessões se efetuaram num quarto do Hotel de Genebra, naquela cidade italiana, com a presença dos professores Tamburini, Vizioli, Ascensi e do engenheiro Ciolfi, todos, exceto o ultimo, exageradamente incredulos.

Foi o proprio Lombroso quem marcou dia, hora e lugar e designou as pessoas que estariam presentes ás experiencias, as quais ultrapassaram a toda espectiva. Cesar Lombroso deu publicidade a esta nobre declaração:

Estou muito envergonhado e aflito por haver combatido, com grande tenacidade, a possibilidade dos factos chamados espiritas. Digo dos factos, pois, quanto á teoria, continúo a ser-lhe contrario. Mas, os factos existem e eu me glorifico de ser escravo dos factos.

Mais tarde, porém, o proprio Lombroso, nas suas ultimas conclusões, não poude furtar-se a admitir, em certos casos, a intervenção dos espiritos.

Como todos sabem, ele tentara, a principio, explicar os fenomenos telepaticos exclusivamente pela teoria das vibrações e os da escrita mediunica pela atividade inconciente de um hemisferio cerebral normalmente inerte. Retractou-se, no emtanto, da seguinte maneira, num artigo que a revista *La Lettura* inseriu: "Mas, com exatidão, Ermacora me fez notar que a energia do movimento vibratorio decresce com o quadrado das distancias. Desde então, embora se possa explicar a transmissão do pensamento á curta distancia, mal se compreendem os casos de telepatia de um hemisferio a outro da terra, indo tocar o percipiente sem se dispersar, conservando um paralelismo através de milhares de quilometros e partindo de um instrumento não fixado em base imovel.

"Quanto á explicação dada relativamente aos mediuns escreventes, ela já não serviria aos que ditam ao mesmo tempo duas comunicações com as duas mãos, conservando inalterada a conciencia. Neste caso, os mediuns

teriam que ter tres ou quatro hemisferios e aí temos como a explicação mais facil vai dar na do truque.

"Cumpre acrescentar que os casos, que diremos cronicos, dos lugares assombrados, onde, durante longos anos, se renovam as aparições de fantasmas ou ruidos, com a lenda de mortes tragicas aí ocorridas antes da aparição e na ausencia de mediuns, falam contra a ação exclusiva destes e a favor da ação dos trespassados."

Depois disto, é de esperar que os positivistas prudentes, que temem comprometer o alto renome de que gozam, não se obstinarão em negar que Ele, o grande morto, acreditou nos espiritos. Sua obra póstuma: *Fenomeni ipnotici e spiritici,* obra de descoberta, é tambem uma obra-prima de sinceridade, de erudição, um monumento, como a definiu o valoroso Marzorati, de sintese, que perdurará como o testamento cientifico não só de quem o escreveu, como ainda de toda uma epoca, que, partindo da negação, passou, de descoberta em descoberta, experimentando todos os encantamentos da transformação, tocou, perquirindo inquieta e obstinadamente a materia, o limiar do mundo olvidado e teve a intuição dos poderes misteriosos do Espirito.

*
* *

As experiencias de Lombroso começaram, como já eu disse, no ano de 1892.

Ele obteve, em presença de outros sabios, os fenomenos seguintes:

1) *Levitação completa da mesa* (do que foi tirada uma fotografia) a uma altura de 10 a 20 centimetros e, mesmo, excepcionalmente, até de 60 e 70 cm.

2) *Aparição de mãos sobre um fundo ligeiramente luminoso.*

3) *Levitação do medium sobre a mesa,* o que é um dos fenomenos mais importantes e significativos. Produziu-se duas vezes, a 28 de setembro e a 3 de outubro. O medium, que se achava sentado a uma das cabeceiras da mesa, foi levantado com a sua cadeira e colocado, a resmungar, sobre a propria mesa, conservando-se suas mãos seguras pelos que lhe estavam aos lados.

4) *Toques.* Na noite de 6 de outubro, o prof. Gellona, que se colocara á distancia de tres lugares do medium, tendo erguido uma das mãos, sentiu, por varias vezes, uma outra mão a bater na sua, tentando abaixa-la; como ele persistisse em mante-la erguida, sentiu-se batido com uma trombeta que pouco antes andara ressoando pelos ares.

5) *Contactos com um rosto.* Tendo um dos assistentes manifestado o desejo de ser beijado, sentiu, por duas vezes, o contacto de dois labios, a 21 de setembro e a 1 de outubro.

6) *Som tirado de uma trombeta.* Na noite de 6 de outubro, colocaram uma trombeta atraz do medium e ouviram-se de repente, por detraz da cortina, os sons de muitas notas. Os que estavam junto do medium puderam certificar-se de que os sons absolutamente não emanavam dele e não vinham todos de uma só direção.

Estes mesmos fenomenos e outros mais foram obtidos com luz, na sessão de 6 de outubro. Procederam do seguinte modo os experimentadores: Por meio de uma cortina, dividiram a sala em duas partes e deixaram uma delas no escuro, ficando o medium, diante da abertura da cortina, sentado numa cadeira, com as costas para a parte fechada, os braços, as mãos, o rosto, os pés na parte iluminada do aposento. Detraz da cortina foi colocada uma cadeira pequena com uma campainha, a cerca de meio metro da cadeira do medium, e, sobre outra cadeira, um pouco mais afastada, colocaram um vaso com argila humida e perfeitamente lisa na superficie. Na parte iluminada, colocaram

uma mesa diante do medium e sentaram-se ao derredor. As mãos do medium estiveram todo o tempo seguras pelos que lhe ficavam mais proximos, Schiapparelli e Du Prel. Iluminava o aposento uma lanterna de vidros vermelhos, posta sobre outra mesa. Pela primeira vez o medium se encontrava naquelas condições. Logo principiaram os fenomenos. Mesmo á luz de uma candeia sem vidros vermelhos, a cortina foi vista enfunar-se para o nosso lado e os que estavam ao lado do medium, empurrando com as mãos a cortina, encontraram resistencia: a cadeira de um deles foi arrastada violentamente, depois do que cinco pancadas fortes foram dadas nessa cadeira, o que significava ser preciso diminuir-se a luz. Acenderam então a lanterna vermelha, que foi protegida por um abat-jour, que, em seguida, poude ser retirado, sendo a lanterna colocada sobre a mesa defronte do medium. As duas bordas da abertura da cortina foram presas aos cantos da mesa e, a pedido do medium, pregadas com alfinetes logo acima da sua cabeça. Viram então os assistentes, por diversas vezes, qualquer coisa sobre a cabeça do medium, que logo disse ter sentido repetidamente que alguns dedos o tocavam. Tomaram-lhe a mão e nela colocaram a cadeirinha; ao cabo de

alguns instantes, retiraram-lha e ela caiu por terra.

Todos os assistentes puseram as mãos na abertura da cortina e as sentiram tocadas por outras mãos. No fundo negro formado pela cortina, apareceram, repetidas vezes, acima da cabeça do medium, as muito conhecidas luciolas azuladas.

Schiapparelli foi tocado com força na cabeça e do lado, através da cortina; coberta por esta, sua cabeça era puxada para a parte em escuro, conservando ele na sua mão esquerda a mão direita do medium e na sua mão direita a esquerda de Finzi. Nessa posição, ele se sentiu tocado por dedos nús e quentes, viu luzes descrevendo curvas no ar e iluminando um pouco as mãos e o corpo daquele a quem pertenciam os dedos.

Este, em seguida, sentou-se no lugar de Finzi e uma mão foi vista aparecer na fenda da cortina. Nunca tendo visto isso, o medium levantou a cabeça para observar e a mão se aproximou para lhe tocar o rosto. Du Prel, sem soltar a mão de Eusapia, passou a cabeça pela abertura e se sentiu tocado de todos os lados e por muitos dedos. Via-se mesmo a mão da entidade entre a sua cabeça e a do medium. Du Prel voltou para o seu lugar e Aksakof apresentou um lapis na abertura da cortina. A mão se apoderou

desse lapis e o atirou em cima da mesa através da abertura.

De uma feita, viram, acima da cabeça do medium, um punho fechado, que se foi abrindo lentamente, até ficar espalmada a mão, com os dedos afastados uns dos outros.

Impossivel precisar o numero de vezes que essa mão se mostrou e que nós nela tocámos, diz Lombroso. Basta afirmemos que já não havia possibilidade de duvida, o que viamos e tocavamos era realmente uma mão humana e viva, ao mesmo tempo que viamos o corpo e os braços do medium, cujas mãos os dois que lhe estavam aos lados mantinham seguras pelas suas.

Logo que foi finda a sessão, Du Prel entrou na parte escura do aposento e anunciou que havia uma impressão na argila humida. Verificámos que esta, com efeito, apresentava profunda impressão dos cinco dedos de uma mão direita. Assim explicado ficou o facto de ter sido projetado sobre a mesa, durante a sessão, pela abertura da tenda, um pedaço de argila humedecida, o que prova materialmente que não eramos um grupo de alucinados.

Concluiu assim Lombroso:

"A sessão de 6 de outubro foi, para nós, a comprovação evidente e absoluta da exati-

dão de nossas impressões anteriores, obtidas na obscuridade. Foi uma prova irrefutavel de que, para se explicarem os fenomenos produzidos em escuridão completa, não se faz mister supor truques da parte do medium, nem uma ilusão de nossa parte, ante o facto de que esses mesmos fenomenos podem provir das mesmas causas que os produzem, estando visivel o medium, a uma luz suficiente para se lhe observarem a posição e os movimentos. Entregando ao publico este breve e incompleto resumo das nossas experiencias, temos ainda que externar as convicções seguintes:

"1) Que, em tais condições, nenhum dos fenomenos obtidos a uma luz mais ou menos intensa podia ser produzido por qualquer artificio do medium.

2) Que a mesma convicção pode ser manifestada relativamente á maioria dos fenomenos que se obtêm na mais completa escuridão.

"Pelo que toca a uma parte destes ultimos, poderiamos perfeitamente admitir a possibilidade de um artificio habil do medium; entretanto, depois do que acabamos de dizer, evidente se torna que semelhante hipotese seria não só improvavel, mas, tambem, inutil, no nosso caso. Mesmo que fosse admitido, o conjunto dos factos bem verificados não ficaria de modo algum prejudicado."

*
* *

No ano de 1893, em Napoles, os professores Bianchi, Lombroso, Tamburini, Vizioli e Ascensi, repetiram com a Paladino as mesmas experiencias, num aposento expressamente escolhido, e dessa vez viram, em plena luz, um grande reposteiro, que separava do quarto vizinho o aposento, afastar-se do medium (estando este com os pés amarrados e seguras as mãos) mais de um metro e dirigir-se subitamente para Lombroso, envolve-lo e aperta-lo.

"Quando, terminada a sessão, estavamos para retirar-nos, acesa já de novo a luz, viu-se, relata Lombroso, um grande armario, colocado no fundo do quarto, mais ou menos a dois metros de nós, deslocar-se lentamente em direção ao lugar onde estavamos. Parecia um grande paquiderme, caminhando a passos lentos para nos atacar e como que empurrado por alguem.

"Em outras sessões, apareceram verdadeiros fantasmas.

"Em 1902, na cidade de Genova, o me-

dium, havendo-lhe Lombroso pedido que deslocasse um grande tinteiro de vidro, respondeu: "Porque te apegas a estas futilidades? Sou capaz de coisa muito mais importante; posso fazer que vejas tua mãe. Isso é que deveria interessar-te!"

"Estavamos numa meia obscuridade, á luz vermelha, diz Lombroso, e vi destacar-se da cortina uma figura algo pequena, tal qual a de minha mãe, coberta por um véu. Deu a volta completa da mesa, até junto de mim, e me dirigiu palavras que os outros ouviram, não eu, devido á minha surdez. Fóra de mim pela emoção, supliquei-lhe que as repetisse e ela, com efeito, as repetiu: "Cesar *fi mi* (meu filho)", o que, confesso, não era de seus habitos. Natural de Veneza, tinha ela, de facto, o costume de me chamar, em veneziano: *mio fiol.*

"Pouco depois, a meu pedido, deu novamente volta á mesa e, afastando por um momento o véu que lhe cobria rosto, me beijou. A Paladino estava então, sem nenhuma duvida, com as mãos seguras por duas pessoas e, por outro lado, sua estatura era de uns 10 centimetros mais alta que a de minha mãe.

"Desde esse dia, a sombra de minha mãe me apareceu, pelo menos, umas vinte vezes, nas sessões com a Paladino, achando-se esta

em transe. Sempre, porém, me apareceu envolta em véus, mostrando apenas a fronte e as mãos. Dizia-me: *Fiol* e *tesoro,* beijando-me o rosto e os labios!"

*

* *

Vassallo tambem viu seu filho morto e Massaro, de Palermo, teve uma aparição semelhante, na sessão de 26 de novembro, em Milão, na séde da Sociedade de Estudos Psiquicos.

Algum tempo antes, havendo evocado, por meio de uma mesa girante, o Espirito do filho, teve a promessa de uma materialização em Milão. Na sessão de 26, disse a Paladino estar vendo um rapaz que vinha de longe. Interrogada, declarou: de Palermo, e acrescentou: *Retrato vivo feito ao sol.* Ninguem compreendeu o significado dessas palavras. Massaro, porém, lembrou-se de que trazia na carteira um retrato do filho, tirado ao ar livre, no campo. Ao mesmo tempo, sentiu-se tocado vivamente no peito, sobre o lugar mesmo onde estava o retrato, e sentiu duas vezes que o beijavam na face esquerda, através da cortina que lhe estava proxima. Aos beijos seguiam-se caricias. Depois, subitamente, repetiram-se os toques. Dessa vez,

era uma mão que se lhe insinuava vivamente no bolso interior do paletó, bem onde estava a carteira, que se abriu no lugar em que se achava o retrato. Seguiram-se a essa nova manifestação outras caricias e beijos. Em seguida, ele sentiu que o pegavam e puxavam para bem perto da cortina e que o beijavam repetidas vezes. Finalmente, sobre a cortina apareceu uma cabeça cingida por uma banda branca, em a qual ele reconheceu o filho.

*
* *

O snr. Bland de Washington, narra Wallace, realizava frequentes sessões com uma senhora de suas relações, que não era medium profissional ou pago. Por seu intermedio, obteve ele frequentes comunicações de sua mãe. Nada sabia de fotografias espiritas; entretanto, certa vez, disse-lhe sua mãe, pela bôca do medium, que fosse a um fotografo qualquer de Cincinnati, que ela tentaria mostrar-se a seu lado na chapa.

Bland saiu com o medium e entraram no primeiro gabinete fotografico que encontraram e disseram ao retratista que desejavam fotografar-se. Posaram juntos. Revelada a chapa, disse o fotografo que a prova não saira boa, porquanto no negativo havia tres figuras

em vez de duas. Responderam os dois que era isso mesmo que esperavam e que ele podia imprimir os positivos. Feito isso, o snr. Bland notou com espanto que a terceira figura não era a de sua mãe. E' muito importanto o que se segue.

Regressando á casa, Bland perguntou como se dera que na fotografia aparecesse um desconhecido e o Espirito de sua mãe respondeu que aquela imagem era a de um de seus amigos, que a acompanhara, porque, sendo mais experiente do que ela no assunto, quisera tentar primeiro a experiencia. Acrescentou, porém, que ele podia voltar de novo ao fotografo, porquanto ela, então, se mostraria.

Assim foi feito e o facto se confirmou. Então, para não dar azo a supor-se que o fotografo se houvesse utilizado de um retrato de sua mãe, um amigo do Snr. Bland lhe sugeriu que pedisse áquela apresentar-se noutra chapa com uma pequena mudança no seu vestuario, afim de ficar demonstrado que não houvera embuste. Voltaram, em consequencia, terceira vez ao fotografo e obtiveram um terceiro retrato muito semelhante ao primeiro, mas com uma modificação, pois que, da segunda vez, já não era o mesmo o broche que, da primeira, se lhe notava no corpete.

"Vi os tres retratos, diz Wallace, e ouvi

dos proprios labios do Snr. Bland, toda essa narrativa."

*

* *

Muitas revistas e jornais relataram diversos casos ocorridos durante a guerra. No *Boletim dos Exercitos,* que era graciosamente distribuido nas trincheiras como divertimento e como reportagem dos militares, o Snr. Richet insistiu num inquerito acerca dos sonhos profeticos, dos pressentimentos, dos fenomenos telepaticos, que pudessem produzir-se naquele periodo. Fez particularmente questão de que os factos fossem registrados sem demora, com todos os detalhes que os assinalassem com precisão, afim de serem evitadas as recordações inexatas. Acrescentou que já colecionara bom numero de tais factos.

Entre estes, refere o caso de um marinheiro que, achando-se no seu beliche, viu de subito a forma de um de seus mais caros amigos, com o qual trocara a promessa de uma visita por ocasião da morte. O marinheiro logo tomou nota do nome daquele amigo, do dia e hora da aparição e mais tarde verificou que o seu amigo fôra morto exatamente no mesmo dia e á hora em que lhe aparecera.

Outros casos, no entanto, ocorreram, nessa especial classificação da fenomenologia da guerra, com caracteristicas que os excluem do quadro dos casos ordinarios. Alguns se deram nas nossas trincheiras, ou com os parentes daqueles que aí combatiam. Esses factos, porém, exigem outros esclarecimentos.

Grande semelhança revela com um deles o que o commandante Darget relatou nos *Anais das Ciencias Psiquicas,* autenticado por por dez testemunhas. Caso singular, porquanto lembra o do filho de Dante, que foi informado, pelo pai morto, do lugar onde se achavam guardados e esquecidos treze cantos da *Divina Comedia.*

Numa sessão mediunica realizada em Paris, a 28 de dezembro de 1916, na casa da Snra. D..., uma entidade se manifestou que disse ser Roberto Dartos, nome de um combatente morto na guerra e cuja viuva era conhecida de uma das senhoras presentes á reunião. Interrogado sobre certas circunstancias que lhe diziam respeito, Dartos deu indicações que depois foram verificadas exatas. Ele partira para a guerra a 12 de julho e fôra morto em Vingré a 12 de outubro. Acrescentou que guardara algum dinheiro na terceira gaveta de sua comoda, determinando em seguida o montante, que era de 540 fran-

cos, escondidos á esquerda, no fundo da gaveta. A Snra. D., que conhecia Dartos, foi no dia seguinte á casa da sua viuva e, sem lhe dizer coisa alguma do que se passara na sessão, achou meio, sob um pretexto qualquer, de faze-la abrir a gaveta mencionada, na qual ninguem mais tocara desde que o marido partira, e, no lugar indicado, com grande surpresa da viuva, estava a quantia referida e mais vinte moedas de prata, de um franco.

Todavia, o psiquismo de guerra teve sem dúvida a sua mais notavel manifestação no caso acontecido a Sir Oliver Lodge. Tendo-se um de seus filhos, Raymond, engajado como voluntario, logo ao começar a grande guerra, veiu a morrer na França, a 14 de setembro de 1915, contando 25 anos de idade. Era tenente.

Ora, ao contrario de Sir Oliver Lodge, que se tornou bastante conhecido como um sabio que sempre se interessara pela fenomenologia transcendental, sua mulher nunca se ocupara com esses assuntos. Entretanto, quinze dias após a funesta noticia, ela, que residia distante de Londres e não tinha relações com pessoas da localidade, quis ir com uma amiga á metropole, onde vivia o medium Vout Peters, celebre no mundo mediunico experimental. Aí, obteve indicações espontaneas e precisas sobre o facto que

tanto a compungira; revelações sobre a morte do filho, acompanhadas de detalhes muito exatos e delicados, que somente o morto e seus intimos amigos podiam conhecer. Entre outras coisas, disse o medium que o morto não costumava chamar sua mãe "de *ma*, nem *mama*, nem *mater*, porém *mother*", o que era verdade.

Nas primeiras manifestações, se bem as comunicações fossem feitas por intermedio de terceiras entidades, o caracter de Raymond Lodge se manifestava pela maneira jovial e jocosa que lhe era habitual. Disse coisas que a propria familia ignorava e cuja exatidão ficou provada. Falou de tres retratos seus, de cuja existencia a familia nada sabia, e accrescentou que em uma dessas fotografias, ele estava num grupo de amigos, vendo-se tambem uma bengala. Passados alguns dias, chega uma carta, da qual constava que o morto se fizera fotografar no mês de agosto com outros oficiais e, certo de que muito grato seria á familia Lodge possuir essa fotografia, o autor da carta anunciava que breve enviaria dela uma cópia, que, contudo, custou a chegar.

Informado dessas coisas, quis Sir Oliver Lodge comprovar-lhes a exatidão, servindo-se de outro medium e obteve um descrição muito pormenorizada da fotografia. Era de

um grupo de militares, começando o nome de um deles pela letra C, o de outro por R, o de um terceiro por B, sendo este ultimo bem visivel. Não se falava de bengala, mas de alguem que, sentado, se apoiava numa bengala, estando os outros de pé por traz desse. A fotografia, obra de um amador, fôra tirada ao ar livre, sobre fundo escuro, com linhas traçadas no sentido vertical. Tais foram as declarações do medium.

Alguns dias depois chegou a fotografia. Trazia a data de 24 de agosto. Antes de abrir o envoltorio, Oliver Lodge depositou na séde da Sociedade de pesquisas psiquicas de Londres uma narrativa minuciosa das comunicações que obtivera. Em seguida, passou ás verificações, reconhecendo de surpreendente exatidão as informações que recebera. Viam-se na fotografia 21 oficiais ingleses, em uniforme de campanha, colocados em tres filas, sentados no chão uns, outros numa banqueta e os demais em pé. Os ultimos se encostaram numa construção de madeira com taboas verticais. Raymond estava na primeira linha, sentado na relva, com um bastão aos pés, e, por detraz dele, sentado num banco, um oficial, apoiando-lhe no ombro o antebraço e um joelho. Exatos tambem eram os nomes correspondentes ás iniciais; exatos igualmente os detalhes relativos a B (o capitão Boast),

cuja figura se destacava em plena luz, á direita do grupo.

A esse episodio familiar Lodge consagrou o volume: *Raymond or Life and Death* (Raymundo, ou Vida e Morte), onde cada circunstancia é comentada de modo tão particular, que exclue toda idéia de que, na familia ou nas reuniões onde eram feitas experiencias, se pudessem conhecer de antemão as coisas reveladas.

Os irmãos de Raymond, a seu turno, deliberaram realizar experiencias que conduziram á identificação da referida entidade. Entregaram ao pai, num involucro fechado, tres perguntas sobre factos de pouquissima importancia, de que só eles eram conhecedores, sem que o pai e a mãe soubessem a respeito coisa alguma, afim de que, por meio do agente mediunico, fossem apresentadas a Raymond. Uma das perguntas era esta: "Lembras-te de alguma coisa a proposito da palavra "Argonautas"? A resposta foi: Sim, com o acrescimo da palavra "telegrafo". Quando Sir Lodge transmitiu aos filhos essa resposta, eles ficaram espantados, porquanto ignoravam que relação podia haver entre Argonautas e telegrafo, na vida de Raymond.

Intervieram então suas irmãs, lembrando que no ano anterior, fazendo Raymond, com seus irmãos, uma viagem de turismo, fôra,

em Devonshire, ao telegrafo para enviar um telegrama que todos assinaram coletivamente — "Os Argonautas". Como tambem, na ocasião estivessem viajando, Sir Lodge e sua mulher nunca tiveram ciencia desse telegrama. Os irmãos tambem já se não lembravam dele e a pergunta que fizeram a Raymond apenas aludia á viagem.

Tiveram todos, desse modo, a certeza de um facto desconhecido do medium, daquele que lho propunha e tambem dos que formulavam a pergunta.

*
* *

O que agora vou relatar, abreviadamente, se me deparou num artigo de E. Bozzano: *A volta de Oscar Wilde,* publicado na revista *Luce e Ombra* (Roma, outubro de 1925), quando de uma publicação da Snra. Travers Smith, medium: volume de critica, em que ela estampou longa serie de mensagens que recebera e nas quais a personalidade do defunto que se comunicava seria a do celebre escritor inglês Oscar Wilde.

A mediunidade da Snra. Travers Smith, tão só de efeitos inteligentes, se manifesta pela escrita automatica, com auxilio do instrumento chamado *Ouijá* (quadro alfabetico

sotoposto a uma agulha movel). Apresenta ela a caracteristica excepcional de poder harmonizar a sua mediunidade com as mesmas faculdades de outro medium, realizando assim o fenomeno raro de duas mediunidades que se confundem e que, compensando-se reciprocamente, dão muito melhores resultados. Esse facto se produziu a proposito das mensagens de Oscar Wilde, a metade das quais foi transmitida com a participação complementar de outro medium, o Snr. V. Este, a sós, nada obtinha; mas, pousada sobre a sua a mão da Snra. Travers Smith, escrevia automatica e rapidamente, alcançando resultados tecnicamente mais completos do que os que aquela dama conseguia, quando trabalhava sózinha.

Oscar Wilde se manifestou inesperadamente, interrompendo o curso de outra mensagem. Explicou, em seguida, que, desde muitos anos, errava nos meios terrenos á procura de luzes (isto é: de mediuns), desejoso de se comunicar com os homens e de tornar a ver, com os olhos de outrem, os encantos da natureza, que ele tanto amara durante a vida.

A Snra. Travers Smith relata nestes termos a sua primeira manifestação:

"O Snr. V. tinha entre os dedos o lapis, eu me achava sentada perto dele e punha de

leve os dedos sobre o dorso de sua mão. Antes de começar, ele me pediu para fechar os olhos. Agradou-me esse pedido, pois já anteriormente notara, com outros estreiantes, que o desejo de fechar os olhos era indicio de resultados interessantes.

"O lapis entrou a bater no papel; em seguida, pôs-se a fazer rabiscos, como na primeira sessão. Por fim, escreveu o nome de um morto amigo, que ditou esta frase: "Desejo conversar com a minha filha adorada, a minha Lilizinha." A entidade comunicante queria continuar; mas, logo que escreveu o nome Lilizinha, percebi que a mensagem fôra interrompida e que outra entidade se apresentava em lugar da primeira. Perguntei quem era o Espirito presente e o lapis escreveu: "Oscar Wilde". E o intruso começou a ditar a sua mensagem com uma rapidez louca. Eu olhava para o Snr. V.; ele tinha fechados os olhos e parecia adormecido, mas segurava firmemente o lapis, a ponto de me ser dificil leva-lo do fim de uma linha ao começo de outra. Afastei a minha mão de sobre a de V. e o lapis parou de subito. Observando a comunicação, espantei-me da nitidez e da precisão da escrita. As palavras estavam bem destacadas, os *i* tinham o competente ponto; os *t* o corte em cruz, as palavras interrompidas numa linha para continuarem na

outra traziam o respectivo hifen; irrepreensivel a pontuação. Atraiu-me a atenção a assinatura "Oscar Wilde", devido á sua particularidade e, lendo a mensagem, notei que de quando em quando aparecia um *a* escrito segundo o alfabeto grego, como tambem havia curiosas interrupções de continuidade nas letras de certas palavras, assim: *d-eath, vintage*, etc. Nem o Snr. V., nem eu viramos jamais um autografo de Oscar Wilde, ou, melhor, não nos lembravamos de o ter visto. Tendo-se retirado o Snr. V., achei que seria interessante comparar com um autografo de Oscar Wilde a mensagem pouco antes obtida.

"Procurando o meio de mais rapidamente o conseguir, tive a feliz idéia de me dirigir á Livraria das obras de Chelsea, onde encontrei uma carta de Osar Wilde que fôra ali posta á venda. Admirei-me: a grafia do autógrafo era identica á da mensagem, salvo algumas pequenas diferenças que se podiam atribuir ao facto de que um era escrito a lapis e o outro a pena. Notei tambem que, na carta, de tempos a tempos havia a letra *a* escrita á maneira grega e curiosas soluções de continuidade na mesma palavra.

"Era longo e interessante o texto dessa primeira mensagem. Começa assim: "Piedade para Oscar Wilde, piedade para um homem que foi na terra o rei da vida... Ha

muito tempo, escrevi que, no cubiculo da minha prisão, perpétuo crepúsculo reinava, assim como em meu coração; mas, agora, o perpétuo crepúsculo me invadiu tambem a alma."

"A frase a que se refere a mensagem ele a escrevera, quando vivo, em seu famoso livro *De Profundis*. Eis em que termos ele proprio explica de que maneira transmitia seu pensamento ao medium.

"Durante uma sessão em que a Snra. Travers Smith estava só e experimentava o instrumento *Ouijà*, ele se manifestou e o medium lhe perguntou: "Porque me escolheste como medium?" Respondeu-lhe o Espirito: "Estimada Senhora, a coisa não é muito facil de explicar. Já te disse que outrora olhei o vosso mundo com os olhos de mediuns de diferentes países, para gozar, ainda por alguns instantes, da gloria do vosso sol. Do ambiente tenebroso onde muitas vezes me encontrei, eu desejara transmitir o meu pensamento a alguem, na terra, capaz de compreender uma mentalidade qual a minha, fantasista, sonhadora e ansiosa, até ao sofrimento, por manifestar toda a beleza do mundo. Saí á procura de um vaso capaz de conter a essencia das minhas idéias, mas, até ao momento em que pude arrebatar o lapis da mão de um Espirito que se esforçava para comunicar-se por meio de um instrumento (isto é: do medium V. a quem Wilde chama sempre pelo nome), ainda não achara o cérebro de que necessitava. Devo dizer que, se quiserem que eu fale aos vivos na forma particular de que usava em vida, preciso é se me depare um cérebro de literato capaz de me compreender. E'-me indispensavel um orgão cerebral que permita ao meu pensamento filtrar-se através dele, como a areia fina se filtra através de um buraquinho. Não só é preciso que esse cerebro seja translucido, mas tambem que nele se me deparem os elementos necessarios á manifestação de minhas idéias. Posso servir-me da mão do Snr. V., de maneira a fixar no papel o meu escrito, mas o seu cerebro de nada me serve. Se eu tentasse utilizar-me dele, minhas idéias ficariam aí presas, como as moscas numa solução gomosa."

Noutra circunstancia, em que o medium se sentia muito fatigado, pondera Oscar Wilde: "Achei-te menos sensivel ás minhas idéias; entretanto, mesmo quando estás fatigada, és uma perfeita harpa eólia, que responde maravilhosamente ás vibrações do meu pensamento."

Os episodios citados e muitos outros das mensagens orais confirmam o que, desde longo tempo, era conhecido, a saber: que as

entidades espirituais se servem do cerebro do medium, como do teclado de uma maquina de escrever de inumeraveis teclas. Isto, se até certo ponto se pode imaginar, é certamente impossivel de conceber de maneira que se nos torne inteligivel.

A snra. Travers Smith observara que Oscar Wilde não só fazia a critica dos autores da sua epoca, mas tambem de escritores que se tornaram celebres depois de sua morte. O enigma ainda mais se complicava, pelo facto de que muitissimas vezes os mediuns nunca haviam lido os livros sobre que recaia a critica do Espirito comunicante. Nesse caso, onde esse Espirito hauria os seus conhecimentos? Aqui está como ele explica esse misterio:

"Qual o cégo Homero, eu erro pelo mundo á cata de olhos para ver e ás vezes o consigo através do sombrio véu das trevas que me envolvem. E isso com o auxilio dos olhos dos vivos, que ignorarão sempre a minha intrusão na existencia deles. Chego assim a contemplar ainda o vosso belo mundo. Com o auxilio dos olhos escuros de uma jovem Tamal, contemplei demoradamente as plantações de chá na ilha de Ceylão e, por meio dos olhos de um Kurdo nomade, vi o monte Ararat e as tribus dos Yezedes, que

adoram ao mesmo tempo a Deus e a Satanaz e somente gostam das serpentes e dos pavões. Certa vez, num barco que ia a passeio a St. Cloud, vi as aguas verdes do Sena e o panorama de Paris, com o auxilio dos olhos de uma menina que, nada compreendendo do que lhe sucedia, se aconchegava aterrorizada e chorando á sua mãe. Ah! os preciosos momentos de visão! São as estrelas da minha noite, as brilhantes joias do meu escrinio de trevas; são o nétar que minha alma sedenta cobiça e eu daria toda a minha reputação para adquirir esse precioso tesouro. Os olhos, os olhos! que pode fazer um homem que os perdeu?... Que não daria ele para os recobrar?... Talvez te espantes de que eu haja podido mergulhar profundamente nas obras dos modernos escritores. Naturalmente, não tomo conhecimento de toda a colheita; contento-me com o saborear as primicias das vindimas... Vós, todos vós muitas coisas ainda tendes que aprender a nosso respeito... E' sem dúvida estranho o processo. Eis como opero: "Ponho-me á espreita de uma boa ocasião e, quando ela se apresenta, aproveito o momento favoravel e mergulho na mentalidade do meu escritor, recolhendo as impressões que desejo e que habitualmente são de caracter coletivo." Noutra comunicação, explica com mais precisão o facto, dizendo

assim: "Posso esquadrinhar os cerebros dos autores e apreender em bloco e rapidamente tudo o que mereça conhecido em suas obras."

Finalmente, um dia o medium lhe perguntou: "Que pensas das poesias de Sitwells? Já as lêste?" Ele respondeu: "Não, não as conheço, porque não gosto de esperdiçar o meu tempo precioso na pesca de rãs. Unicamente mergulho na mentalidade daqueles que têm verdadeiro merito e não desço abaixo de certo nivel."

Antes de concluirmos, convem demos a conhecer as condições espirituais do comunicante. Num de seus primeiros escritos póstumos, Oscar Wilde assim se exprime:

"Meu papel atual não é muito melhor do que o que me impunham na prisão, onde cardava a lã. Afinal de contas, lá o meu espirito podia afastar-se do corpo e vagamundear á vontade; aqui, já não tenho um corpo que eu possa deixar e, nessas condições, impossivel me é o entregar-me a uma das minhas mais agradaveis distrações terrenas... Aqui, conhecemos, e até demais, os mais ocultos pensamentos de cada um. Dá-se, porém, que as idéias dos outros acabam por não mais nos interessar e o tédio nos invade

a existencia. Podemos reciprocamente perceber os nossos pensamentos, do mesmo modo que podeis ver as manchas que haja nas vossas roupas. Como já te disse, em torno de mim só ha nevoeiro e este é o ambiente reservado aos que foram vitimas das convenções sociais, que me reduziram a uma condição nada favoravel á minha elevação espiritual. A minha mentalidade é hoje comparavel a uma fechadura enferrujada, em que a chave dificilmente gira, a estalar. A idéia já não me salta agil e alada como outrora. Sinto-me estiolado neste perpetuo crepusculo, mas verifico que tambem eu, um dia, me elevarei até ao fastigio do extase espiritual. Este pensamento de esperança nos é dado como um auxilio, para que suportemos o nosso estado... O destino do espirito humano é conhecer o bem e o mal, até ás profundezas mais escondidas, sem o que ele jamais atingiria a perfeição. Sofro neste meio de trevas, porque para mim a méta está ainda muito afastada. Possuo, entretanto, a faculdade do conhecimento, a que não pode chegar a justiça humana, que ha sempre torturado a pobre humanidade, desde que ela existe. Em todo caso, o estado em que me vejo não é, como julgais, uma "punição", mas um episodio indispensavel á minha experiencia: estou, presentemente, oprimido

por um véu de trevas que, todavia, concorrem a me orientar, tambem a mim, para os cumes da perfeição espiritual."

São interessantes essas revelações acerca das condições tristes em que se acha o poeta Oscar Wilde. Combinam admiravelmente com outras mensagens sobre as consequencias inevitaveis que lhes acarretam, no estado espiritual, as faltas dos homens durante a vida terrestre. Essas concordancias constituem prova da autenticidade delas, porquanto, se tais revelações fossem mistificações do subconciente, não poderia dar-se que muitos mediuns, das mais diversas nacionalidades e ignorando uns as mensagens recebidas pelos outros, pudessem ser concordes na descrição de grande numero de pormenores que se revelam, as mais das vezes, novos, singulares e inconcebiveis. Contudo, no nosso caso, a presunção em favor da autenticidade das revelações se funda em coisa muito diversa, isto é, em que o comunicante Oscar Wilde chegou a demonstrar sua propria identidade, exibindo todas as provas que razoavelmente se teria o direito de exigir em circunstancias semelhantes. Pode-se logicamente concluir que, se na serie das suas manifestações não se comprova nenhum facto de mistificação subconciente e os episodios verificaveis que

ele revelou foram reconhecidos absolutamente verdadeiros, não ha porque não se deva prestar fé a tudo o que ele afirma, com relação á sua existencia espiritual, conquanto não o possamos verificar.

E', pois, incontestavel que o caso Oscar Wilde acrescenta outra perola rutilante ao precioso colar das provas experimentais que demonstram a existencia e a sobrevivencia da alma.

CAPITULO V

EXPERIENCIAS DE CROOKES

Muito conhecidas e irrefutaveis são as experiencias do professor William Crookes, o celebre fisico que descobriu o tallium e inventou o radiómetro, experiencias que ele realizou, primeiro, com o medium Home e, em seguida, com a senhorita Florence Cook. Esta, com 15 anos de idade apenas, foi levada ao exercicio da mediunidade, depois de haver assistido a uma sessão espirita, em casa de uma pessoa amiga. Com a sua presença, a mesa se elevou até ao tecto e ela propria foi, a seguir, transportada, por forças ocultas, juntamente com a cadeira em que estava sentada.

Depois de algumas sessões, apareceu-lhe o fantasma de uma moça, belissima, que lhe disse chamar-se Katie King. Essas aparições se verificaram e foram registradas durante tres anos, de 21 de maio de 1871 a 25 de maio

de 1874, sendo tiradas nesse periodo numerosas fotografias.

Empregaram-se os mais rigorosos meios de fiscalização, chegando-se ao ponto de amarrar o medium com correias, cujos laços eram selados, e de imobiliza-lo como num nicho murado, com os braços envolvidos em fios eletricos, que lhes assinalavam todo e qualquer movimento.

Feitos por Crookes, são muito interessantes os relatos das sessões. Reproduzirei alguns, afim de que o leitor lhes possa apreender tôda a grande importancia.

"Desde algum tempo, escreve Crookes, fazia eu as minhas experiencias com uma lampada fosforica, constituida de um vaso hermeticamente fechado, da capacidade de 6 ou 8 onças, contendo um pouco de oleo fosforico. Eu contava que a essa luz alguns dos misteriosos fenomenos do gabinete se tornariam visiveis e Katie esperava obter o mesmo resultado.

"A 12 de março, durante uma sessão, depois de conversar conosco por algum tempo e de passear pela sala, Katie se retirou para traz da cortina que separava da minha bibliotheca, que, para o caso, servia de gabinete, o meu laboratorio, onde ficavam todos os assistentes. Ao cabo de alguns instantes, ela se mostrou na abertura da cortina, me chamou e disse: "Entre no gabinete e levante a cabeça do meu medium, que escorregou para o chão!

"Naquele momento, Katie estava em pé diante de mim, trajando a sua habitual veste branca e trazendo á cabeça o seu turbante. Dirigi-me imediatamente á biblioteca para levantar a senhorita Cook e Katie se afastou um pouco para o lado, afim de me deixar passar. A senhorita Cook, com efeito, escorregara do canapé e sua cabeça ficara dependurada, numa posição muito penosa. Endireitei-a no canapé e, enquanto isso fazia, tive a satisfação de comprovar, máu grado á obsuciridade, que ela não vestia a mesma roupa que Katie, mas o seu costumado vestido de veludo preto e que se achava em estado de profunda letargia. Para recolocar a senhorita Cook em sua posição normal no canapé, eu não gastara mais de tres segundos. Voltando ao meu posto de observação, Katie se mostrou de novo e me disse que julgava poder mostrar-se-me e mostrar ao mesmo tempo o medium. Abaixou-se a luz do gás e Katie me pediu a minha lampada de fosforo. Após se haver mostrado por algum tempo, restituiu-me a lampada e me disse: "Agora venha ver o meu medium." Acompanhei-a á biblioteca e á luz da lampada vi

a senhorita Cook a repousar no canapé, exatamente na mesma posição em que eu a deixara; olhei em volta de mim para ver Katie, mas esta desaparecera; chamei-a, porém, não me respondeu."

"Agora o relato da sessão realizada ontem á noite em Hackuey. Nunca Katie me aparecera ainda com tão grande perfeição: durante quasi aquelas duas horas inteiras, ela andou pela sala a conversar com os assistentes. Muitas vezes, ao passar, me segurou o braço e a impressão que experimentei foi a de que era uma pessoa viva que isso fazia e não um fantasma do outro mundo. Foi tão violenta a impressão, que se me tornou irresistivel a tentação de repetir uma recente e curiosa experiencia. Refletindo, então, que, se não era um Espirito quem a meu lado eu tinha, seria necessariamente uma mulher, pedi-lhe permissão para aperta-la em meus braços, afim de me ser possivel renovar as interessantes observações que um experimentador ousado recentemente tornara conhecidas. Foi-me concedida a permissão e eu dela usei como qualquer homem bem educado o houvera feito em identicas circunstancias. O senhor Wolckmann (o experimentador a quem acima me refiro) muito se alegrará com o saber que lhe posso confirmar a asserção,

isto é: que o fantasma, que, aliás, nenhuma resistencia opôs, era de facto um ser material, como a propria senhorita Cook. Em seguida, porém, se verá como erra um observador ousado, formulando importante conclusão, enquanto não são bastante numerosas as provas que obteve. Disse Katie parecer-lhe que daquela vez lhe seria possivel fazer-se visivel e simultaneamente a senhorita Cook. Baixei a luz do gás e com a minha lampada de fosforo penetrei no compartimento que servia de gabinete. Pedi a um dos assistentes, habil estenógrafo, tomasse nota das observações que eu fizesse do interior do gabinete, pois, conhecendo a importancia que se atribue ás primeiras impressões, não me queria fiar na memoria. Entrei com precaução no gabinete e procurei tateando a senhorita Cook. Encontrei-a acocorada no chão. Pus-me de joelhos, fiz entrasse ar na lampada e á sua luz vi a senhorita Cook vestida de veludo preto, como no começo da sessão, e com o aspecto de achar-se completamente insensivel. Nada disse, quando lhe tomei da mão e aproximei-lhe do rosto a lampada: ela continuava a respirar tranquilamente. Erguendo a lampada, perpassei o olhar ao meu derredor e vi Katie de pé por detraz da senhorita Cook. Trazia uma veste branca ondulante, tal como a viramos durante a sessão.

Tendo nas minhas uma das mãos da senhorita Cook e pondo-me novamente de joelhos, elevei e baixei a lampada, não só para clarear inteiramente a figura de Katie, como para me certificar de que estava realmente vendo a verdadeira Katie, que eu acabara de apertar nos meus braços, e não o fantasma de um cerebro doente. Ela não falou, mas inclinou a cabeça, como que a confirmar o facto."

Registrando as diferenças que notara entre a senhorita Cook e Katie, Crookes observa: a estatura de Katie varia: em minha casa, era de seis polegadas maior do que a da senhorita Cook; ontem á noite, descalça e sem se alçar nas pontas dos pés, a diferença era de quatro polegadas e meia. Ontem á noite, Katie estava com o pescoço nú, a pele era agradabilissima ao tato e á vista, ao passo que a senhorita Cook tem no pescoço uma cicatriz que, em identicas circunstancias, é claramente visivel e rugosa ao tato. As orelhas de Katie não são furadas, enquanto que a senhorita Cook costuma usar brincos. A tez de Katie é muito alva, ao passo que a da senhorita Cook é morena. Os dedos daquela são muito mais longos do que os do medium e até mesmo as linhas do semblante são maiores. Na maneira de conversar e de se manifestar, ha tambem diferenças muito notaveis."

Ultima aparição de Katie e sua fotografia

"Durante a semana que precedeu á sua partida, Katie deu sessões em nossa casa quasi todas as noites, com o intento de me proporcionar ensejo de fotografa-la á luz artificial. Prepararam-se para esse efeito cinco maquinas fotograficas. A minha biblioteca serviu de camara escura. Tinha ela uma porta de duas folhas; uma destas foi retirada das dobradiças e substituida por uma cortina, para que Katie pudesse entrar e sair á vontade. Os assistentes sentaram-se no meu laboratorio defronte da cortina e as maquinas foram colocadas um pouco atraz deles, prontas para fotografar Katie, logo que ela aparecesse, e, ao mesmo tempo, o interior do gabinete, sempre que a cortina se erguesse. Todas as noites carregavam-se com tres ou quatro chapas os chassis de cada maquina, de sorte a obter-se em cada sessão uma quinzena de negativos. Alguns deles se perderam ao serem revelados, outros ao regular-se a luz. Contudo, possuo quarenta e quatro negativos, alguns mediocres, outros sofriveis, a maioria excelentes.

"Katie exigiu que nenhum dos assisten-

tes se movesse do seu lugar, exceto eu, que tive permissão para fazer o que quisesse: entrar, sair, toca-la á minha vontade. Acompanhei-a frequentemente ao gabinete e por vezes a vi ao mesmo tempo que o seu medium; as mais das vzes, porém, só deparava com o medium deitado no assoalho e em profunda letargia.

"Durante os ultimos seis meses, a senhorita Cook me fez muitas visitas e, em certas ocasiões, passou semanas inteiras conosco. Apenas trazia consigo uma pequena bolsa sem chave; de dia, estava quasi todo o tempo ou com minha mulher, ou comigo, ou com alguma outra pessoa de nossa familia e nunca dormia só. Não havia, pois, meio de arranjar fosse o que fosse, que pudesse simular o fantasma de Katie King. Eu mesmo preparava a biblioteca e o gabinete escuro, fechava a outra porta, conservando comigo a chave, durante a sessão inteira. Abaixava-se então a luz e a senhorita Cook ficava na obscuridade. Ao entrar no gabinete, Cook se deitava no chão e entrava em letargia. Nas sessões fotograficas, Katie envolvia a cabeça de seu medium com um chale para evitar que a luz lhe désse no rosto. Levantei algumas vezes uma das pontas da cortina, quando Katie estava perto do medium e, então, as sete ou oito pessoas que se achavam no laboratorio viam em plena luz a senhorita Cook e Katie.

"Não podiamos, nessas ocasiões, ver o rosto do medium, por causa do chale, mas lhe viamos as mãos e os pés: viamo-la agitar-se penosamente por causa da luz muito intensa e de quando em quando lhe ouviamos os gemidos. Possuo uma prova fotografica em que se vêem juntas Katie e seu medium. Como eu tomava sempre parte ativa nas sessões, aumentava constantemente a confiança que Katie depositiva em mim e que ia ao ponto dela não se manifestar, se eu proprio não houvesse cuidado de todos os preparativos necessarios. Desde que essa confiança se estabeleceu e que ela se certificou de que eu mantinha as promessas que lhe fizera, cresceu de muito a intensidade dos fenomenos. Tornou-se-me possivel obter provas, que jamais teria podido conseguir, se procedesse de modo diferente para com ela.

"Uma das mais interessantes fotografias é a em que estou de pé ao lado de Katie. Tendo-a obtido, vesti a senhorita Cook tal qual Katie e, ela e eu na mesma posição, nos fizemos fotografar pelas mesmas objetivas, colocadas exatamente como na experiencia anterior e iluminadas pela mesma luz.

"Ora, superpostas as duas fotografias, as minhas duas imagens coincidiam perfeita-

mente, enquanto que a de Katie se mostrava maior, cerca de meia cabeça, do que a da senhorita Cook; o tamanho do seu rosto e as dimensões de seu corpo diferem essencialmente das do seu medium, sem falar de outras diferenças notaveis."

Aí, Crookes, o emiente homem de ciencia, se abandona a um transporte de admiração ilimitada pela beleza de Katie e lhe entôa um hino. Ei-lo:

"A fotografia pode muito bem, é certo, dar o desenho da sua pessoa; mas, como poderia reproduzir a fulgurante pureza da sua tez e a expressão sempre inimitavel de seus traços tão moveis, ora de tristeza, quando narrava algum acontecimento da sua vida passada, ora iluminado por um sorriso doce, quando reunia em torno de si meus filhos e lhes contava, para os distrair, os episodios de suas aventuras nas Indias?"

E, adiante: "Ela criava ao seu derredor uma atmosfera de vida, parecia que seus olhos tornavam o proprio ar mais luminoso. Tão doces, tão belos, eles continham tudo o que dos céus podemos imaginar!"

Ha ainda outros pormenores sobre o fantasma, tais como: "A cabeleira da senhorita Cook é de um castanho tão forte, que parece quasi negra; uma mécha, que tenho sob

as vistas, dos cabelos de Katie, que ela me permitiu cortar das suas abundantes madeixas, é castanho dourado quasi louro. Uma noite, contei as pulsações de Katie. Eram em numero de 75, batendo regularmente o seu pulso, ao passo que as da senhorita Cook chegavam a 90, numero que lhe era habitual. Auscultando Katie, senti-lhe no peito o coração, cujos batimentos eram mais regulares do que os do coração de Cook. Tendo tambem auscultado os pulmões de Katie, achei-os em perfeito estado."

Agora as despedidas do fantasma:

Chegado o momento de nos separarmos, pedi-lhe a graça de ser o ultimo a ve-la. Em consequencia, depois de haver ela chamado um por um dos assistentes e de lhe dizer algumas palavras em particular, deu-nos instruções gerais sobre o nosso proceder de futuro e sobre a proteção que deviamos dispensar á senhorita Cook. Feitas as suas recomendações, permitiu que eu a acompanhasse ao gabinete.

"Após fechar a cortina, deteve-se a conversar comigo por algum tempo; em seguida, atravessou o aposento, indo até onde estava a srta. Cook, que jazia inanimada no chão. Inclinando-se para ela, tocou-a e lhe disse: "Desperta, tenho que te deixar." A se-

nhorita Cook despertou em pranto e suplicou a Katie que ficasse por mais algum tempo. "Não posso, minha querida; está terminada a minha missão. Que Deus te abençôe", respondeu Katie e continuou a conversar com o medium até que o pranto desta a impediu de continuar. Segundo a recomendação de Katie, dei-me pressa em amparar a senhorita Cook que estava quasi a cair. A seguir olhei em derredor e verifiquei que Katie, com suas vestes brancas, desaparecera."

Esta parte da narrativa Crookes a concluiu com as seguintes observações: "Verdadeiramente, não creio que ela (a senhorita Cook) pudesse levar a efeito um embuste, mesmo que o quisesse tentar, porque, nesse caso, sería prontamente desmascarada, visto que semelhante proceder estaria em absoluta oposição ao seu natural. Quanto ao imaginar que uma inocente colegial de quinze anos fosse capaz de conceber e executar durante tres anos tão colossal impostura, seria mais inverosimil, do que admitir que Katie seja o que ela afirma ser!

*
* *

Além das experiencias que acabo de relatar, poderia citar outras. Seria, porém, muito longo e quasi superfluo, tendo-se em vista que as acima referidas encerram bastantes elementos de persuasão. Considero util, todavia, antes de terminar este capitulo, falar dos fenomenos de assombração e do interessantissimo caso de mediunidade intelectual, observado e estudado durante 13 anos pelo saudoso professor Rocco Santoliquido.

Do mesmo modo que com relação a todos os outros fenomenos, tambem pelo que respeita ao das casas assombradas, quem queira formar um juizo equitativo tem de renunciar a toda prevenção, a toda idéia preconcebida. Que a opinião do senso comum considera esses fenomenos como frioleiras ou contos da carochinha para crianças e para os de espirito fraco, toda gente o sabe. E quem não sabe igualmente que em muitos casos apenas se trata de maldades, praticadas com o fim de tirar uma vingança, ou pelo desejo de intimidar alguem, senão de desacreditar uma casa? Quem ignora que, ás vezes, os ruidos são causados por animais espantados, gatos, ratos, etc.? Sem dúvida, se as historias de casas assombradas, como acertadamente pondera Camillo Flammarion, pudessem todas comportar semelhantes explicações, tal banalidade não houvera merecido,

nem mereceria o estudo dos sabios e não valeria a pena de que com elas nos ocupassemos.

A verdade, porém, é que nem todos os factos podem ser explicados dessa maneira e que a realidade das casas assombradas poude ser comprovada por homens cujo nome constitue garantia absoluta, quais Lombroso, Flammarion, Bozzano, etc.

Mil zombarias não logram destruir um só facto real e já passou o tempo de serem tidos por fabulas os fenomenos de assombração. São tão numerosos quanto varios, se bem que muitas vezes incompreensiveis, os exemplos desses fenomenos, tão conhecidos de toda gente, que julgo inutil referir alguns deles.

O professor Santoliquido era materialista convicto. Absorvido por suas altas e dificeis ocupações, não só ignorava completamente a metapsiquica, como respondia encolhendo os ombros a qualquer alusão aos fenomenos mediunicos.

Entretanto, habituado a observar os factos, não poude deixar de prestar atenção a um fenomeno mediunico, desde que teve o inesperado e não procurado ensejo de o verificar. No mês de setembro de 1906, ao regressar de uma viagem, encontrou na sua casa, em Frascati, uma grande novidade: seu

filho Francisco e outras pessoas de sua familia, entre as quais uma chamada Luiza, se davam ás experiencias da "mesa falante", experiencias que até então haviam alcançado exito completo e Luiza, que tudo ignorava de Espiritismo, viera a saber, com surpresa, pelas comunicações da mesa, que ela era o medium.

Convidado pelo filho a colocar a mão sobre a mesa, Santoliquido anuiu a sorrir, mas foi imediatamente repelido com esta justificativa: *Ele não acredita que eu possa ler o pensamento dos outros*.

Surpreendido e curioso, porque isso correspondia á verdade, decidiu ele inteirar-se daquela novidade.

No dia seguinte, assistindo á sessão, formulou, mentalmente, sem pôr as mãos na mesa, uma serie de sete perguntas. Com grande espanto seu, cada uma das sete perguntas recebeu resposta satisfatoria.

"Entre outras, diz ele, duas tinham para mim capital interesse, porque diziam respeito ao meu filho que estava á mesa com o medium e ignorava o que eu perguntara mentalmente. Ora, as respostas que obtive foram tão inesperadas quão desagradaveis. Penosamente surpreendido, repeti, sempre mentalmente, as duas perguntas, mudando o

torneio da frase. Apesar disso, as respostas que vieram levavam ás mesmas conclusões.

"Qualquer que seja a procedencia de tais avisos, a ninguem é possivel deixar de ser dolorosamente atingido! Quis, então, obter pormenores e saber o porque dos avisos nefastos que se me davam. Mas, apenas obtive a seguinte resposta: "Mais vale calar do que provocar aflições inuteis."

"Infelizmente, os factos confirmaram as predições, factos desgraçados que se produziram, como os haviam profetizado, durante longa serie de anos, sem que meus esforços houvessem podido mudar-lhes o curso."

Ele depois obteve mensagens contendo ensinos filosoficos de alta moralidade, mensagens de muita elevação e beleza, cujo estilo e idéias nada tinham de comum com as de seu filho, nem com as do medium. Esses ensinamentos proclamam a imortalidade da alma, afirmam a necessidade da resignação nas dores terrenas, resignação não passiva, mas raciocinada, por ser fonte de progresso e elevação.

Louvam a meditação, exaltam a importancia dos sentimentos afetivos, do amor, amor aos homens, á vida, á natureza.

Tocado pela importancia e beleza das comunicações, embora fosse estranho ás concepções metapsiquicas, ele não poude prescindir de continuar aquelas experiencias, as quais, durante anos (devido á realização das sucessivas premonições referentes á sua vida privada e publica) alcançaram alta relevancia e lhe proporcinaram tantas provas da realidade e da espiritualidade dos fenomenos, que acabaram por operar a mais completa, a mais radical transformação nas suas convicções.

CAPITULO VI

REALIDADE DOS FENOMENOS

Os fenomenos espiritas — já eu o disse — não são de recente data, são, ao contrario, tão antigos quanto o mundo e a fé numa vida futura, como bem o diz Wallace, talvez tenha tido sua origem e seu fundamento na existencia e aparição, na terra, desses sêres chamados hoje espiritos ou almas dos falecidos, do mesmo modo que em muitos desses fenomenos bastante conhecidos de visões, fantasmas, avisos, predições, etc.

Que os nossos antepassados mais antigos tenham acreditado na existencia de outra vida após a morte é opinião geral dos antropologistas, os quais, como Figuier, fazem notar que as rodas, as lampadas, as armas, as moedas, os objetos de adorno, depositados, desde as epocas prehistoricas, nos tumulos, ao lado dos cadaveres, revelam evidentemente a crença numa vida futura. E com a

mesma crença se depara, como é sabido, entre as tribus selvagens, até entre as que têm idéia muita vagà, ou nenhuma idéia de Deus (1).

E' exato que os sabios modernos consideram fabulosas essas crenças, ou como superstições, ao ponto de não admitirem, sequer, que se discuta o assunto, afastando *a priori* a possibilidade dos fenomenos. Mas, como muito bem diz Lombroso, inutil é querer despresar as opiniões do vulgo e do barbaro, pois, certamente, se um e outro não possuem, para descobrir a verdade, os grandes meios de que dispõe o homem de ciencia, podem susbstitui-los, ou suprir-lhes a falta pela observação secular e universal, cujos resultados são por vezes superiores mesmo aos que obtem o maior genio cientifico.

Assim é que a influencia da lua e dos astros sobre o nosso cerebro, a hereditariedade patologica, o contagio da tuberculose o vulgo os conheceu antes que os conhecesse o sabio que, até ha poucos anos, fez de tudo isso, e talvez ainda faça aqui ou ali, objeto

(1) A idéia de Deus, qual a possuem as religiões adiantadas, isto é, de uma vontade onipotente, eterna, origem unica de todas as coisas, era concepção por demais elevada para poder germinar no cerebro de um selvagem. Com efeito, as religiões primitivas consistiam, como bem o diz Letournau, na crença em espiritos antropomorfos ou zoomorfos.

de zombarias e risotas... As Academias existem para... alguma coisa (1)!

Ora, a menos que haja prevenção, ou incuravel incredulidade e que não se queira seguir o exemplo dos animais falantes de Casti, os quais negavam a realidade da chuva, dizendo: "Perdão, Sua Excelencia o Sol nos molhou!" creio que não só nenhuma razão plausivel se pode invocar para negar fenomenos cuja realidade é garantida mediante documentos reunidos por eminentes personalidades cientificas, mas tambem que duvidar do fenomeno revela estupidez tão grande, que nem sequer merece a honra de uma discussão.

"Se, ao menos, se tratasse, diz Richet, de individuos ignaros, incultos... Porém, não! Entre os adeptos da ciencia metapsiquica ha homens ilustres, admiraveis sabios. Desde Zöllner até ao grande William Crookes, Charcot, Aksakof, de Rochas, Lombroso, O. Lodge, Myers, Sidgwick, Morselli, Bottazzi, William James, Ochorowicz, Schrenck-Notzing, Schiaparelli, para citar apenas os mais celebres, muitos sabios hão reconhecido a autentici-

(1) Aos sabios de hoje, que não se hão dado ao trabalho de estudar o assunto e que motejam dos fenomenos mediunicos, pode-se responder com Bonnemère: "O vosso sorriso não é o de Voltaire, mas o do idiota, muito mais frequente do que aquele outro."

dade dos fenomenos e fôra sinistro gracejo crer que eles não passavam de imbecis."

Os testemunhos, conforme o declarou um professor de astronomia da Universidade de Cambridge, o snr. Thallis, são tão copiosos e perfeitos, que se tem de admitir as manifestações, quais são descritas, ou se tem de reconhecer a impossibilidade da comprovação de um facto, seja ele qual for, por meio do testemunho humano.

Podem objetar que outros homens eminentes ha, contrarios aos aludidos fenomenos. Mas, em se refletindo, vê-se que a objeção carece de valor. Com efeito, ao passo que os primeiros, isto é, os que admitem os factos hão tambem adquirido autoridade com relação aos fenomenos espiritas, porque fizeram experiencias e estudos, os outros, os que negam, não se deram a trabalhos de experimentação, porque acham inutil realizar experiencias sobre o que, na opinião deles, é impossivel, donde se segue que, se são sabios de grande autoridade em suas disciplinas, a respeito dos fenomenos espiritas nenhuma autoridade possuem, por virtude da cêga ignorancia em que se conservam e do espirito preconcebido que revelam e que os impedem de proceder a experiencias.

O proprio Lomboso, antes de se entre-

gar á experimentação, negava os factos e durante largo tempo não quis assistir a sessões, declarando "que não acreditava nas almas das poltronas". Quando, porém, com alienistas ilustres, quais Tamburini, Virgilio, Bianchi, Vizioli, assistiu a sessões, "em que se adotaram as mais rigorosas precauções que se podiam tomar", escreveu a celebre carta em que se declarava "envergonhado de haver negado com tanta obstinação a possibilidade daqueles factos."

O cepticismo, no que concerne ás novas descobertas, é coisa de todos os tempos. Cremonesi negava os satélites de Jupiter, que Galileu descobrira, porque Aristoteles... deles não falava. E sabe-se que, convidado por Galileu para ir observa-los pelo seu telescopio, respondeu mais ou menos nestes termos: "Aristoteles não fala de satélites de Jupiter. logo... eles não existem, nem podem existir e eu não o quero ver. Verifique bem se não ha no seu telescopio alguma mancha e, se esta aí não estiver, estará nos seus olhos!!"

Conhece-se, igualmente, um professor de Universidade que não queria observar ao microscopio os bacilos da tuberculose e um sabio alemão que, a proposito dos fenomenos mediunicos, dizia: "Não acreditarei, senão quando os vir; mas, como não quero perder meu tempo a observar, sabendo como sei que

isso é impossivel, não acreditarei nunca." Tal qual o céptico de que fala Lyell, que não acreditava na geologia, porque não a tinha estudado e não queria estuda-la, porque nela não acreditava!

A historia das ciencias nos mostra grande numero de eminentes homens de ciencia, espiritos superiores, que pararam na senda do progresso, crentes de que a ciencia lhes dissera a ultima palavra.

Em astronomia, em fisica, em quimica, em medicina, em todos os ramos do saber humano, muitas paginas se poderiam encher com os nomes de homens celebres que acreditaram não poder a ciencia ultrapassar nunca os limites que havia atingido na epoca em que eles viviam e que nada mais havia para ser descoberto.

A' lista dos sabios enceguecidos por falso orgulho, podemos acrescentar o nome de Haeckel. Numa pagina infeliz da sua interessante obra: *Os Enigmas do Universo*, após haver, de passagem, tocado nos fenomenos mediunicos e declarado não passarem de divagações de inteligencias excitadas, fala nestes termos da leitura do pensamento: "O a que chamam telepatia, ou atividade do pensamento á distancia, sem intermediario material, não existe, como não existem espiritos, nem fantasmas."

Sem embargo, porém, de Haeckel e dos seus confrades, a transmissão do pensamento, o hipnotismo e muitas outras manifestações psiquicas desfrutam, presentemente, da sanção de homens eminentes e o psicólogo ousa ocupar-se, hoje, com problemas que se impõem, num campo de estudos considerado outrora um conjunto de embustes e mistificações.

Assim foi sempre, no que concerne a todas as descobertas importantes. Bastante conhecida é a hostilidade dos sabios e dos academicos ás descobertas do movimento da terra, á circulação do sangue, ao galvanismo e, sobretudo, com relação a certas invenções e suas aplicações, como a emética, a vacinação, a maquina a vapor em terra e no mar, o telegrafo Morse, a iluminação a gas, o Canal de Suez (que produziria espantoso diluvio), a descoberta da America por Cristovão Colombo, da qual os sabios negavam até mesmo a existencia!

O parecer da Faculdade de Medicina da Baviera, contrario á introdução do caminho de ferro, oferece mais um exemplo tipico da antipatia a toda novidade. Supunha aquela corporação de sabios que um movimento tão rapido havia infalivelmente de provocar abalos cerebrais nos viajantes e vertigem no publico que presenciasse a passagem dos com-

boios. Recomendava, então, que se levantassem tabiques dos dois lados da via-férrea!!

Que valor, pois, pode ter a opinião dos que nada estudaram, nem experimentaram, em face da que se baseia na experiencia de factos visiveis e certos?

O Espiritismo, repito-o ainda uma vez, não é novidade. Todos os povos antigos nele creram e, mesmo hoje, os povos barbaros acreditam nele com tal tenacidade e tal uniformidade, diz Lombroso, que isso devera ser tido, senão como uma prova, pelo menos como um importante indicio de verdade.

Entretanto, não faltam os que sustentam não serem reais e autenticos os fenomenos espiriticos, não passarem de imposturas ou alucinações.

Estão em êrro. Vejamos rapidamente porque.

Hipótese da impostura. — O facto de muitos prestidigitadores imitarem no palco alguns dos fenomenos espiritas e o de varios mediuns terem sido desmascarados (1) po-

(1) O medium Allen foi desmascarado da maneira seguinte: alguns espectadores pintaram de preto os cabelos e quando o fantasma lhos veiu puxar, eles acenderam a lampada e verificaram que os mãos do medium estavam negras. Com Eglinton os proprios espiritas acharam em

dem dar aparencia de justificação á hipótese da impostura. Mas, contra essa opinião, mesmo que se não levem em conta razões já aduzidas, importa se note o seguinte:

1) A fraude, por parte dos mediuns escreventes, é inteiramente impossivel, quando ele escreve uma comunicação com a mão direita, outra com a esquerda e transmite de viva voz uma terceira e tudo isso ao mesmo tempo. Pode-se comprovar a sinceridade do medium, tornando-se-lhe impossivel qualquer fraude, fazendo-o indicar as letras do alfabeto com as pranchetas, sem que as veja e mudando-lhes a disposição. O sistema do alfabeto oculto foi empregado por muitos experimentadores e até por Charles Richet.

2) Alguns fenomenos são de facil imitação, outros, porém, são inimitaveis. Para que os prestidigitadores imitem os fenomenos espiritas, de forma a iludirem completamente, precisam preencher duas condições: a primeira é que se tomem com eles todas as precauções que se tomam com os mediuns.

O jogo do prestidigitador é o que ele pro-

seu poder a barba e a musselina que empregava para produzir falsas materializações.

Lodge e outros desmascararam Monck e encontraram no quarto que ele ocupava os apetrechos de que se servia para produzir os seus embustes.

prio preparou: será inutil se lhe peça que faça outro diferente, ou que o faça noutra ocasião, antes ou depois da que ele determinou. Os fenomenos que se obtêm com um medium, ao contrario, são, muito frequentemente, os que se pedem, embora nem sempre assim aconteça, porque a inteligencia oculta que os produz possue, de seu lado, vontade propria.

Além disso, o jogo do prestidigitador é feito no local que ele proprio escolheu, com os objetos que lhe são necessarios e diante de um publico no meio do qual se acham dissimulados os seus comparsas. Dá o mesmo espetaculo uma ou duas noites. Em seguida, substitue por outro o programa, ou muda de terra, porque, se continuasse a repeti-lo, acabaria desmascarado. Os mediuns, ao envez, são levados para onde o entendam os experimentadores; trabalham em presença de algumas pessoas de toda confiança, depois de examinados a fundo e de amarrados. Livermore e Crookes, como muitos outros, fizeram experiencias com o mesmo medium durante anos, sem descobrirem a mais ligeira fraude. A Commissão da Sociedade dialetica de Londres exigiu até que, durante as experiencias, os mediuns fossem vigiados precisamente por dois dos melhores prestidigitadores daquela Capital.

Outra condição indispensavel aos prestidigitadores para imitarem os fenomenos espiritas, de modo a produzirem ilusão completa, é que operem diante de um publico que nunca haja visto os verdadeiros fenomenos espiritas. O prestidigitador Cristiani, que numa sociedade imitara os nós obtidos por Zöllner com o medium Slade, quando soube que aquele cientista, com dois amigos, o procurava, para tambem verificarem se ele os produzia como Slade, desappareceu de Berlim!

Harry Price, o prestidigitador que se tornou metapsiquista, lembra ironicamente que todos os prestidigitadores, que se vangloriam de reproduzir os fenomenos mediunicos, até hoje só insucessos têm conseguido.

Maskeline, grande prestidigitador, no famoso processo do fantasma de 1.000 libras esterlinas contra Colley, perdeu o prestigio e o dinheiro. Outro malogro sofreu com o inventor americano Hiram Maxim. Maskeline teve de se confessar incapaz de imitar os fenomenos. Seu filho perdeu, nas mesmas condições, uma aposta de 100 libras esterlinas e seu neto, igualmente, num desafio do mesmo genero, desistiu de tentar a experiencia, quando se inteirou das condições impostas, identicas ás que se submetia o celebre medium Valiantine.

Poder-se-iam citar outros exemplos, diz H. Pryce, e não se aponta um unico caso em que os prestidigitadores tenham alcançado exito.

Ora, Harry Price, que acaba de proceder com o medium Rudi Schneider a uma série de experiencias perfeitamente fiscalizadas, tambem ofereceu o premio de 1.000 libras esterlinas a qualquer prestidigitador que reproduzisse os fenomenos que habitualmente se obtinham nas sessões daquele medium, sem mesmo exigir coisas de sensação. Ninguem se apresentou. Quando, passados alguns meses, Rudi regressou para a Alemanha, houve alguns timidos pedidos de informações, mas, apenas indicadas as condições, restabeleceu-se o silencio.

O que desconcerta os prestidigitadores é o facto de que muitos dos fenomenos mediunicos se produzem dentro do gabinete, estando fóra dele a pessoa do medium, a uns dois metros de distancia. Importa notar que um desafio mundial de 1.000 libras esterlinas não teve como resultado senão o desbarato completo dos prestidigitadores que, pelo silencio, confirmaram que os fenomenos que os mediuns produzem de modo algum entram no quadro da prestidigitação.

3) Seria tambem necessario admitir que

todos os espiritas, sem exceção, fossem tolos e todos cégos. Que ha malicia no mundo, sabem-no eles e não desconhecem tampouco os truques que se empregam para imitar os poderes mediunicos.

Wallace nos dá disso um belo exemplo, relatando o que aconteceu ao Dr. Sexton que, não se tendo convencido com o que lera nos livros, nem com as experiencias, fez muitas conferencias contra o Espiritismo, com a impafia comum aos incredulos, insistindo na absurdidade e na pouca importancia dos fenomenos. Ele assistira a experiencias espiritas, mas, considerando-as ilusões produzidas pelo medium, com o auxilio de mecanismos ocultos, entregava-se a investigações para os descobrir. Auxiliado durante algum tempo por um amigo, acabou convertendo-se.

Prosseguindo nas suas investigações por mais de dez anos, seu cepticismo foi gradualmente diminuindo e terminou por fazer conferencias contrarias ás primeiras. Nas ultimas, começava por explicar como se imitam os fenomenos espiritas, que ele proprio tambem imitava, indicando em seguida as diferenças que ha entre as imitações e os fenomenos reais.

4) Espalhou-se pelo publico a opinião de que os fenomenos espiritas são imitaveis;

assim, porém, não pensam os prestidigitadores. Jacob, prestidigitador do teatro "Roberto Houdin", de Paris, e Bellachini, prestidigitador da Côrte em Berlim, enviaram declarações ao medium Slade, dizendo que a arte que praticavam não pode reproduzir os fenomenos que o mesmo Slade produzia.

Trollope, citado por Wallace, refere que Bosco, um dos mais habeis prestidigitadores conhecidos, zombava da crença de que os fenomenos que Home produzia se pudessem atribuir aos recursos da sua arte. Assim, pois, no teatro, os prestidigitadores fazem rir o publico á custa dos espiritas; mas, fóra do teatro, o publico ri á custa dos prestidigitadores. Aliás, em todos os casos, os factos expostos mostram que, com relação a muitos deles, não é licito se fale em impostura, de modo absoluto.

Finalmente, ás imitações feitas por mediuns impostores ou por cépticos, respondem os espiritas, como Hellenbach, que as perucas não provam a inexistencia de cabelos, nem as dentaduras postiças que não haja dentes, do mesmo modo que as moedas falsas, as flores de papel e até as falsas declarações de amor não provam que não existem moedas boas, flores verdadeiras e verdadeiro amor.

Aquele que, por ter caido nas garras de uma doidivanas, acredite que todas as mulheres são perfidas, tira uma conclusão falsa! *Ab uno disce omnes* não constitue regra de logica.

Sem dúvida, é muito verdade que o desmascaramento de um medium prova a possibilidade da impostura por parte dos outros, do mesmo modo que a descoberta de uma peruca dá direito aos calvos de duvidarem da cabeleira dos outros; mas, a ninguem dá o direito de suspeitar de que todas as cabeleiras sejam postiças, a menos se trate de alguem que nunca tenha visto cabelos verdadeiros. Aquele que comprovou a realidade de um só fenomeno espirita absolutamente autentico não pode perder a sua crença, mesmo em face de mil truques.

Pelo que concerne ás acusações lançadas contra verdadeiros mediuns — como, por exemplo, Eusapia Paladino — nasceram apenas de uma incompreensão por parte dos experimentadores (conforme foi reconhecido) do que pode ser determinado pelo automatismo inherente aos estados de transe e á sugestão que os assistentes exercem inconcientemente sobre o medium. Tudo isso foi explicado por Ochorowicz e nada tem que ver com a fraude verdadeira, a que é feita de proposito e premeditadamente por aquele que, baldo de qualidades mediunicas, quer fazer

crer que produz fenomenos espiritas e que acabam sempre por ser desmascarados.

Evidente, pois, se torna que não ha mais porque insistir em refutar a hipotese da impostura.

Hipotese da alucinação — Tampouco se pode atribuir qualquer valor á hipotese da alucinação, por menos que se reflita nos multiplos casos que acabo de relatar. Somos presa de alucinação não só quando nos enganamos relativamente á causa da nossa sensação, mas tambem quando não temos a sensação que julgamos experimentar. Segundo os fisiologistas, na alucinação, o sensorio se acha no mesmo estado que na sensação; esse estado, contudo, não é efeito de uma impressão exterior e objetiva, mas, muito ao contrario, de uma impressão interior subjetiva. Na realidade, a hipotese da alucinação é muito ousada, porquanto faz necessario se admita que todos os que dizem ter visto ou são psicópatas, ou tais se tornam por ocasião da sessão espirita, devido a suas imaginações exaltadas.

Poder-se-ia dizer que a causa é exterior, mas que não é o que julgamos sentir; que é a força psiquica do medium que nos magnetiza, que nos sugestiona e nos faz crer ou perceber o que não vemos. Deve-se naturalmente acrescentar que o medium nos magnetiza sem

que o queira e sem que o saibamos, ou, melhor, que o medium, como o sugere Hartmann, está alucinado e nos transmite a sua alucinação: ele se acha num estado de sonambulismo disfarçado e nos torna participantes do seu sonho, a nós que estamos despertos.

Pois que, de ordinario, isso nunca sucede, tem-se que supor que os espectadores são muito fracos (que, por exemplo, Lombroso e seus quatro companheiros alienistas eram psicópatas, neurastenicos e meio-histericos, do mesmo modo que Richet, Crookes, etc., etc.) ou que o medium possue grande força, excepcional força magnetica. Em todo caso, essa força psiquica seria uma força até aqui ignorada, uma força oculta que apenas poderia explicar uma pequena parte dos fenomenos mediunicos.

Não descubro, pois, uma explicação natural e aceitavel no facto de uma alucinação tão comum e tão regular.

Entretanto, é notorio que os fantasmas hão deixado traços permanentes, não só da ação que exercem sobre os objetos, como tambem da sua realidade objetiva.

"Muitas vezes, diz Brofferio, tendo percebido que o agente oculto depusera sobre a mesa objetos materiais, uma cadeira, um tamborzinho, um candelabro, um prato...

acendia-se a luz e notava-se que esses objetos não desapareciam, antes permaneciam onde estavam, enquanto lá eram deixados.

Certa ocasião, a entidade oculta tomou de um balde dagua e o colocou sobre a mesa. Como já era meia noite, encerrou-se a sessão, ficando o balde onde fôra posto. No dia seguinte lá estava ele. E', pois, evidente que essa suposta sensação comum não era simples alucinação.

"Por outro lado, não se pode fotografar uma alucinação, nem a chapa fotografica pode estar alucinada."

Os fantasmas chegaram a fazer-se visiveis não só dos mediuns, como tambem dos não mediuns, em materilizações que os aparelhos fotograficos reproduziram.

O caso de Katie King, que Crookes observou durante tres anos, e o de Jolande, que durante muitos anos se manifestou sob a influencia de d'Esperance, deixando-se fotografar com ela e com outros, estão, sem dúvida, fóra de toda suspeita.

As fotografias são, portanto, provas indiscutiveis, incontestaveis, provas, como diz Delanne, absolutas; provas, certamente, que ultrapassam quasi todas as outras e que demonstram com segurança que as hipoteses da impostura e da alucinação carecem de base e que as aparições são objetivas e reais.

E que, de facto, o são tambem o provam as impressões que os fantasmas produzem nos animais domesticos, que, sem duvida, não podem estar alucinados. São em grande numero e se acham registrados em todos os livros concernentes ao Espiritismo os casos de que a Sociedade de pesquisas psiquicas tomou conhecimento e reconheceu autenticos.

"Julgo em plena conciencia que á ciencia oficial já não é licito deixar de parte os factos inumeros colecionados pelos pesquisadores, entre os quais se contam sabios ilustres, como um Crookes. Já não temos o direito de pretender e afirmar que a ciencia carece de meios de explicar tais fenomenos. Deve-se desconfiar das explicações e das teorias extremamente faceis; porém, a ciencia tem o dever de as estudar, servindo-se do metodo experimental, a que tantas descobertas devemos. Nada ha de ilogico, nem de contraditorio nos fenomenos espiritas. Os homens de ciencia não os podem negar *a priori;* corre-lhes, ao contrario, o dever de estuda-los e separar o que é verdadeiro do que é falso. Enquanto tiver um sôpro de vida, repetirei que é dever do sabio dizer a verdade, sem cogitar dos riscos a que se exponha."

Estas admiraveis palavras pronunciou-as o professor Richet na Academia das Ciencias, apresentando o seu *Tratado de Metapsi-*

quica, fruto de quasi quarenta anos de trabalho, durante os quais os estudos mediunicos tambem constituiram objeto da sua maravilhosa atividade.

Divide ele os fenomenos mediunicos em tres grandes categorias.

A primeira compreende os que decorrem de uma particular atividade psiquica, ou lucidez, e a que ele chama *criptestesia*, isto é, uma faculdade oculta de conhecimento, que difere da faculdade dos conhecimentos sensoriais e normais e que permite que certos individuos anunciem acontecimentos passados ou atuais, até mesmo futuros, e circunstancias que todos desconhecem.

A segunda abrange fenomenos procedentes de ações mecanicas, diferentes das das forças mecanicas comuns, e que se produzem sem nenhum contacto, á distancia e sobre objetos, ou sobre individuos. Deu-lhe ele o nome de *telequinesia*.

A terceira é a dos fenomenos de formação de objetos diversos, que, muitas vezes, parecem sair do corpo humano, com a aparencia de realidade material, tais como vestuarios, corpos humanos, etc. Richet lhe chama *ectoplasmia*.

Os fenomenos de *criptestesia*, ou de lucidez sobre coisas ocultas, formam a metapsiquica subjetiva. Ele os estuda em individuos normais, em quem a lucidez existe num grau minimo; ás vezes em hipnotizados, em os quais essa faculdade aumenta, como nos sensitivos. Nestes individuos, pode-se ter uma lucidez ou advinhação revelada pelo simples contacto com objetos (criptestesia pragmatica), a transposição dos sentidos, a visão por meio da bola de cristal. Richet conjuga a essa faculdade o fenomeno da varinha magica, com que os rabdomantes descobrem fontes dagua ocultas e que nas mãos deles revelam coisas e factos que os nossos sentidos normais não nos podem revelar. Ele a estuda tambem nos mediuns cuja lucidez alcança grande potencialidade. Compreendem-se na criptestesia as premonições, coletivas ou não, de morte, as autopremonições de enfermidade, de morte acidental, de diversos acontecimentos: as premonições no estado hipnotico, as premonições espiritas e as acidentais; as faculdades de conhecimento dos mediuns, a xenoglossia.

Os fenomenos de ectoplasmia ou de materialização e de telequinesia ou movimentos á distancia formam a metapsiquica objetiva de manifestações materiais.

Na telequinesia se encontram os fenomenos de movimentos das mesas ou de objetos diferentes; os batimentos produzidos por for-

ças inteligentes nas proprias mesas ou em outros objetos.

Ás ectoplasmias pertencem, é fóra de duvida, os factos mais importantes da metapsiquica, se bem que, em não se admitindo a hipotese espirita, sejam menos explicaveis os que parecem inteligentes e sejam tambem os mais importantes pelas deduções psicologicas e filosoficas que eles nos deixam entrever.

Depois de tudo o que acabo de referir, não creio necessario acrescentar outros argumentos, para que o leitor inteligente e sem idéias preconcebidas se convença de que são reais os fenomenos.

Procuremos então qual a hipotese mais plausivel para os explicar.

CAPITULO VII

DIFERENTES HIPOTESES

Se é unanime, quanto á realidade deles, o testemunho de todos os que hão observado e estudado os fenomenos, o mesmo, em verdade, já se não pode dizer, no que concerne á interpretação explicativa dos mesmos fenomenos.

Sustentam alguns que, se é certo que nenhuma duvida pode subsistir com relação á realidade deles, tambem é certo que as extarordiñarias faculdades supranormais existentes na subconciencia humana bastam para explicar grande parte da fenomenologia mediunica, sem ser preciso se recorra á hipotese espirita.

Antes de tudo, cumpre se note que nem todos os fenomenos podem ser explicados pela subconciencia. Por outro lado, como com exatidão pondera Bozzano, o facto, por si só, da existencia subconciente de maravilhosas

faculdades excepcionais nos conduz á demonstração cientifica da sobrevivencia da alma. Com efeito, se na subconciencia humana existem, em estado latente, faculdades psicosensoriais, independentes de qualquer lei biologica terrena, não só capazes de ver, de perceber, de sentir a todas as distancias, bem como de adivinhar o passado, o presente e o futuro dos individuos e dos povos; se a conciencia e a sensibilidade são capazes de se separarem temporariamente do organismo corporeo, para se manifestarem num duplo fluidico sensivel e conciente, tudo isso equivale á demonstração experimental da independencia das faculdades intelectuais com relação ao organismo corporal. Ressalta daí uma primeira conclusão teorica, logicamente inevitavel e á qual cedo ou tarde se tem de chegar: a alma existe como uma entidade em si, independente do corpo e que se revela dotada de faculdades e de sentidos espirituais que a ciencia ignora, conclusão essa cientificamente inevitavel e que leva a outra conclusão teorica complementar, de que a alma sobrevive á morte do corpo e pode manifestar-se aos vivos. E, com efeito, manifesta-se. Em nós, diz Delanne, o que pensa, o que sente e quer tem, em si, uma existencia independente da do corpo. Quais as provas dessa existencia? Em primeiro lugar, esse sêr interior tem poderes independentes em absoluto do funcionamento dos orgãos, por exemplo: a visão á distancia. E' evidente que na visão á distancia o orgão da visão, o olho, nenhuma ingerencia tem. Além disso, esse sêr interior pode comunicar-se com outro sêr interior a uma distancia enorme, qual a de Paris a Nova York.

Ora, se se tratasse, como atualmente dizem, de simples ondas semelhantes ás hertzianas, com sintonização, etc., diria eu: na telegrafia sem fio, é formidavel a força fisica ou quimica necessaria á emissão de tais ondas; é, por exemplo, de 150 cavalos. Ora, poderia o cerebro ter uma força de 150 cavalos? E' absurdo! Ha, pois, não é possivel negar, um sêr interior que só ele possue esse poder animico extraordinario. Esse sêr interior é a nossa alma.

Alguns naturalistas, como o professor Morselli, repelem a hipotese espirita, pelo entenderem que, se a existencia e a presença das entidades espiritas ficassem provadas, sairiamos dos limites da ciencia.

Dessa conjetura anticientifica e dessa estranha prevenção de não cair no sobrenatural, resulta que esses tais, embora reconheçam incontestavel a realidade dos factos mediunicos e supranormais, os circunscrevem quasi sempre ás manifestações fisicas, donde

decorre, da parte de muitos deles, o esforço imenso que fazem para descobrir interpretações tão complicadas e tão artificiosas, que a intervenção das entidades espirituais chega a parecer mais simples e mais provavel, mesmo aos que não admitem a hipotese espirita, do que as misteriosas e incompreensiveis explicações aventadas sob a capa dos mais esdruxulos nomes.

Aliás, é preciso convir em que onde está a verdade está a ciencia.

Lombroso, ao contrario, se convenceu, pela razão de que, encontrando-se, desde todos os tempos e entre todos os povos, a crença nalguma coisa invisivel, que sobrevive á morte do corpo e em que essa alguma coisa, sob a influencia de condições especiais, pode manifestar-se aos nossos sentidos, somos compelidos a aceitar a hipotese espirita.

Tratar-se-ia, ao demais, não de puros espiritos, desprovidos de toda materia, coisa, aliás, que a nossa imaginação nem, sequer, poderia conceber, mas de corpos cuja materia se acha apurada ao ponto de somente ser ponderavel e visivel em dadas circunstancias, como os corpos radioativos, que podem produzir luz e calor, e produzir tambem outros corpos, como o helium do radio, sem, aparentemente, nada perderem dos respectivos pesos. E as experiencias demonstram que

muitos indicios da radioatividade apresentam os fluidos dos mediuns e dos fantasmas.

O que julgamos incorporeo é apenas efeito de uma concepção ficticia: ha, de todo modo, um grau de consistencia atenuada, que não nos influencia os sentidos.

Virgilio, para fazer que da sua materialidade o espirito de Dante se compenetrasse, materialidade que o tornava visivel a este ultimo, embora fosse de todo transparente, disse-lhe:

Ora si innanzi a me nulla s'adombra
Non ti meravigliar più che dei cieli,
Che l'uno all'altro raggio non ingombra. (1)

(*Purg.*, cap. III).

O éter, que enche o espaço, é inegavelmente uma substancia, se bem não seja diretamente visivel; o ar, igualmente, cujos elementos, peso, densidade se conhecem, tampouco é percebido, habitualmente, como uma entidade material.

E' que muito limitado é o campo de percepção dos nossos sentidos, em face da ação das possiveis influencias exteriores. As ondas sonoras só as percebemos dentro de limites

(1) "Ora, se diante de mim nada faz sombra — Não te admires disso mais que dos céus — Porquanto um raio não faz sombra a outro."

minimos e com um maximo numerico de vibrações: além desse maximo, já não existem sons para nós, nem, por conseguinte, corpos sonoros.

O mesmo sucede no campo indefinito da luz, onde nos escapa tudo o que está além do vermelho e do violeta.

Mas, aos mediuns atribuimos todos os fenomenos espiritas, porque os vemos, ao passo que não vemos os espiritos dos mortos; entretanto, isso não é inteiramente exato. Tudo prova e confirma que grande é a influencia do medium nos fenomenos espiritas, os quais, em consequencia, pareceriam devidos á projeção e á transformação da sua energia, dados o seu enorme esgotamento ao termo das sessões, a perda que acusa de força e de peso, a realização dos fenomenos na sua imediata proximidade, etc. Fôra, porém, grande exagero crer que isso os explica todos (1). Com

(1) "O facto de serem inteligentes os movimentos da mesa vos levará a dizer que são produzidos por uma força que se desprende do corpo do medium. Responder-vos-ei que esses movimentos têm uma fisionomia propria, direi mesmo: uma personalidade, que pode muito bem diferir da do medium e que, aliás, varia com o mesmo medium. A mesa em movimento se declara então animada do espirito de X. Se ninguem conhece, nem poderia conhecer esse X, uma investigação ulterior demonstra a verdade absoluta das informações por ele prestadas. Nesse caso, se me não engano, não ha possibilidade de explicar-se o facto por forma outra que não pela intervenção de X, isto é, de seu espirito." (G. DELANNE).

efeito, a influencia do medium não pode explicar o desenvolvimento de forças e de energias bem maiores do que as de que o mesmo medium dispõe e que ele, ao contrario, adquire em virtude da sua associação ao espirito. Aquela influencia não pode explicar nem a formação de fantasmas diferentes, em absoluto, do seu corpo, nem os fenomenos de profecia, de materialização e de desmaterialização, que escapam a todo poder humano.

Muitos mediuns escrevem simultaneamente com as duas mãos e conversam ao mesmo tempo com uma terceira pessoa. As respostas são absolutamente claras, verificaveis e muitas vezes redigidas numa lingua que o medium desconhece. Então, forçosamente, suas mãos têm que estar em poder de uma inteligencia que não é a sua.

"Vi minha mãe, que era excelente medium, relata Delanne, dar a um russo uma resposta em lingua russa, escrevendo-a com a grafia exata de que usava a mãe do interrogante, falecida havia longo tempo, e escrever, para um italiano, uma mensagem em dialeto das ercanias de Turim, animada, na ocasião, pelo espirito de uma irmã de seu interlocutor."

Manofeld escrevia, ao mesmo tempo, com as duas mãos e conversava sobre outros assuntos com os assistentes. Entre outras coi-

sas, ele foi avisado da morte de Jacobs, morte cuja noticia lhe chegou instantes depois.

Como se pode explicar, pergunta Lombroso, que a força psiquica de um medium se transforme em força motriz e sensivel, a atuar simultaneamente em tres direções diferentes e com tres objetivos diversos? Se não é possivel a um homem são, cujas faculdades não se acham alteradas, servir-se da sua atenção, por mais energica que seja, para obter fenomenos objetivos em tres direções diferentes, como seria isso possivel a um medium, em estado de automatismo?

Ha ainda factos que, como toda gente sabe, se dão contra a vontade do medium. Stainton Moses, medium muito religioso, teólogo, deparou muitas vezes, em seus escritos automaticos, com proposições atéias e satanicas. "Quasi todos os meus escritos automaticos, confessa ele, eram contrarios ás minhas convicções."

Que dizer, finalmente, desses casos em que o medium se ergue lentamente do solo, com a sua cadeira, sem apoiar no chão os pés, não só sem nenhum amparo, mas contra a vontade das pessoas que fiscalizam os fenomenos?

Como se podem explicar fenomenos em que parecem revogadas as leis da gravidade, da coesão, da impenetrabilidade da materia?

Como explicar as pinturas, as esculturas, as poesias feitas por mediuns em transe que não são pintores, nem escultores, nem poetas?

Como se ha de explicar que o espirito de Spencer Stattford revele o telefone á senhora d'Esperance, que tudo ignorava de fisica, 30 anos antes da sua invenção e quando á sessão nenhum fisico se achava presente.

Como explicar os fenomenos em que entidades espirituais conversam ou escrevem num idioma que o medium desconhece e, ás vezes, ignorado de todos os experimentadores?

E os fenomenos de materialização de fantasmas vivos, que se exprimem em diversas linguas (1)?

---

(1) Em grande numero são os que desejariam reduzir os de materialização a fenomenos plasticos de objetivação do pensamento sub-conciente do medium (ideoplastia), de modo a poderem concluir que não nos devemos iludir com as aparições, porque, embora reais, elas nada têm de biologico. Ora, se é certo que ha fenomenos devidos á existencia de uma força plastica a serviço do pensamento sub-conciente do medium, força que pode, indiferentemente, materializar objetos inanimados ou reproduzir em efigie cabeças humanas, chatas ou em baixo relevo, ainda mais certo é que outros ha, devidos á existencia de uma força organizadora a que se devem as materializações de cabeças normalmente conformadas e de organismos humanos mais ou menos integralmente constituidos.

Para que toda gente se convença disso, basta lembremos as materializações de Katie King, de quem Crookes escutou o pulsar do coração, etc., e as de Bien Boa, produzidas em Alger, nas experiencias do professor Richet. Ele respirava exatamente como um vivo, obtendo Richet o

E como explicar o caso daquele rapaz inglês que, sem nunca haver saido da sua ilha, escrevia rapidamente com caracteres chineses? E o caso daquela senhora francesa, citada pelo professor Richet, que escreveu paginas inteiras em grego, sem jamais haver estudado essa lingua, sem lhe conhecer, sequer, o alfabeto?

Mas, então, pergunta muito bem Lombroso: quem é que anima esse automato? Como conciliar com a sua atividade multiforme o automatismo e a sua produção artistica?

Aperesenta-se, necessariamente, a hipotese de uma intervenção exterior, que seria, precisamente, a do Espirito que, impotente quando a sós, potente se torna, desde que se

---

precipitado branco de carbono, que se produz quando uma pessoa sopra num tubo cheio dagua de barita.

Em diversas ocasiões, refere o snr. F. W. Pawloski, professor de anatomia na Universidade de Michigan, as formas materializadas se apresentaram nas minhas costas, percebendo-lhes eu a presença por lhes sentir a respiração. Quando me voltava, dava de cara com o fantasma, que me sorria ou fitava com insistencia. Alguns desses fantasmas respiravam arquejantes, como se houvessem acabado de correr e eu então lhes sentia o hálito a me passar pelo rosto. Certa vez, ouvi as pulsações do coração de um desses fantasmas. Estou persuadido de que nos encontramos no limiar de uma nova ciencia e, talvez, de uma éra nova..."

Não se precisa de grande inteligencia, para compreender que, se tais fantasmas respiravam, é que possuiam sistemas pulmonar e circulatorio e que eram fantasmas organizados e não plasticos.

liga ao corpo vivo do medium. Não vale dizer que, nesse caso, quem opéra é o inconciente do medium: quando se trata de uma lingua, de uma arte que o medium e os assistentes completamente ignoram, como se pode afirmar isso, se é verdade que — *Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu?*

Grande, pois, é a influencia dos mediuns nos fenomenos espiritas; é capaz de explicar boa parte deles, porém não de explicar *todos os fenomenos*.

A explicação completa não pode ser dada senão pelo facto de que a força mediunica é integrada por outra força, que a tradição de todos os seculos e de todos os povos e tambem a observação experimental indicam como sendo efeito da ação dos trespassados.

Hipotese da telepatia (1) — Alguns, para excluirem a influencia dos trespassados, recorrem á hipotese da telepatia, sem refletirem, como o sustenta Fournier, que a telepatia nos mostra que a alma é separada do corpo, mesmo durante a vida do homem.

"A telepatia, diz Bradley, é o refugio costumeiro dos espiritos inquietos que, por moti-

---

(1) Um livro muito importante e digno de ler-se é *A telepatia*, de R. Warcollier. (Paris, Livraria Alcan).

vos inexplicaveis, se revoltam á simples idéia da sobrevivencia e da possibilidade de nos comunicarmos com os trespassados. Entretanto, em geral, fogem de dar qualquer explicação acerca da telepatia. Tem-se então de concluir que "telepatia" é uma palavra de ordem para lançar ao mar o misterio e com ele as preocupações que lhe são consequentes. A telepatia não pode explicar o fenomeno da voz direta, nem o transe mediunico da senhora Léonard.

"Nenhum progresso é possivel no estudo das ciencias psiquicas, se se não puser de lado a teoria telepatica e a do subconciente, ambas já definitivamente sepultadas, após as experiencias acumuladas no curso destes ultimos anos."

E' evidente que, se a telepatia pode explicar o caso de S. Moses que, quando estava quasi a dormir, teve a aparição da imagem de um amigo, sobre quem fixava então seu pensamento, ela não é capaz de revelar factos que ocorrem no futuro, ou que se dão com um morto, como quando a snra. Meunier sonha duas vezes que vê, aos pés do leito onde dormia, seu irmão decapitado, achando-se a sua cabeça num esquife. Em tal caso, não se pode tratar de telepatia, porquanto já o irmão morrera, quando ela o viu assim, decapitado que fôra pelos rebeldes chineses. A noticia ha de ter sido levada por uma inteligencia que não era a sua, visto que o irmão não lhe podia comunicar o que lhe sucederia após a morte.

O mesmo se pode dizer com relação ao caso de Carbonera, conhecido em Milão a 22 de dezembro de 1926 e relatado no *Corriere della Sera.* Está ainda viva na lembrança de todos a tragedia ocorrida em Como. O advogado Carbonera, na noite de 21 para 22 de dezembro, pelas 2 horas, matou a tiros de revolver seus velhos pais e seu filho, suicidando-se em seguida. Na mesma noite, a senhora Iola Carbonera, de 78 anos, residente em Milão, á rua San Michele del Corso, 112, irmã do cavalheiro Felix, pai do assassino, despertava aos gritos os criados, por volta das 3 horas. Acorrendo ao quarto onde ela se achava, os criados a foram encontrar agitadissima. Interrogada sobre o que lhe acontecera, respondeu que, dormindo, acabava de ver quatro fantasmas, cada um empunhando um crucifixo e estendendo-lhe os braços, como se os ameaçasse um grande perigo. Diante desse espetaculo, a velha deu um grito e despertou sobressaltada.

No dia seguinte, falaram-lhe dessa estranha visão da noite e, quando estavam todos quasi a considerar destituido de importancia

o facto, um telefonema transmitia a noticia da horrivel tragedia.

Ainda mais dificeis de explicar-se pela telepatia são os casos relatados, um, por Cicero, em *De Devinatione,* o outro por Wallace.

Eis o primeiro. Dois amigos chegam a Megara e tomam alojamentos separados. Mal um deles adormece, vê diante de si o seu companheiro de viagem, que lhe vem anunciar, aflito, que o estalajadeiro concebera o projeto de assassina-lo e pede que o amigo venha em seu socorro o mais depressa possivel. O outro desperta, mas, convencido de que apenas tivera um mau sonho, torna a adormecer. Aparece-lhe de novo o amigo e lhe suplica que se apresse, pois que os assassinos estão quasi a lhe entrar no quarto. Turbado, ele se admira da persistencia do sonho e se dispõe a correr em auxilio do amigo; mas, a reflexão e a fadiga acabam por triunfar e ele novamente se deita. O amigo, então, se lhe apresenta pela terceira vez, ensanguentado, e lhe diz: "Desgraçado, não vieste quando eu te implorava que me socorresses. Agora, vinga-me. Ao despontar do dia, depararás, á porta da cidade, com uma carreta carregada de estrume: detem-na, manda que a descarreguem e darás com o meu corpo escondido nela. Faze me sejam

prestadas as honras funebres e persegue os meus assassinos." Tão grande obstinação e tão precisos pormenores não lhe permitiram hesitar mais: o amigo do assassinado levantou-se, correu á porta indicada e lá deu com a carreta. Prendeu o condutor que se perturbou todo e logo ás primeiras buscas achou o corpo do amigo.

Tal a narrativa do celebre autor latino. Que havemos de pensar? Pode-se objetar, como diz Flammarion, que o facto não se tenha dado precisamente como Cicero o relatou, que tenha sido ampliado, que dois amigos, ao chegarem a uma cidade que lhes é desconhecida, podem muito bem temer um perigo; que um dos dois, receiando pela vida do outro, ao cabo de uma viagem fatigante e dentro do silencio da noite, chegue a sonhar que o outro é vitima de um assassinio. Quanto ao episodio da carreta, tambem é muito possivel que os viajantes tenham visto uma no pateo da hospedaria e o principio de associação das idéias a reuna ao sonho. Podem, é certo, fazer-se todas essas hipoteses explicativas, *mas não passam de hipoteses.* São satisfatorias? A mim, não me satisfazem absolutamente, conclue Flammarion, e penso que Cicero não houvera narrado essa historia, se não tivesse razões muito boas para lhe dar credito, tanto que, sem se mostrar admirado,

acrescenta: *Quid hoc somnio dici divinius potest?*

Muito dificil suprimir com um traço de pena esta pagina de Cicero.

O segundo caso é este: a snra. Storie d'Edimburgo, achando-se em Hobert-Town, na Tasmania, teve certa noite um sonho singular e perturbador, como uma série de visões sem ligação entre si. Via um seu irmão gemeo assentado num monticulo e banhado pelo luar; erguia os braços e repetia: o trem! o trem! Depois, recebendo um choque, não se sabe de que, caiu desacordado e uma massa negra passou sibilando. Viu em seguida um compartimento do trem, no qual um senhor de suas relações, o reverendo Johnstone, estava sentado e, de novo, seu irmão, que cobria o rosto com a mão direita, como se sofresse. Finalmente, ouvia uma voz que não era a dele, dizendo que ele ascendera a uma vida melhor.

Ora, na mesma noite, seu irmão era morto por um trem que passava pelo lugar onde ele se sentara para descansar. Verificaram-se conformes á realidade todos os pormenores do sonho. O reverendo, com efeito, viajava no trem homicida. Não podendo a vitima do acidente ser sabedora desta ultima circunstancia, forçoso se torna admitir que a

visão foi produzida pelo poder telepatico do morto ou de outro espirito amigo.

O reverendo Wambey de Salisbury, passeando um domingo á tarde pelo campo, redigia em mente uma carta de felicitações a um amigo a quem muito queria. De súbito, ouve uma voz: *Como? Escrever a um morto, escrever a um morto?*

Não vendo pessoa alguma perto de si, acreditou tratar-se de uma alucinação e continou a compor a sua carta, quando a voz lhe bradou de novo: *Como? Escrever a um morto?* Ele expediu a carta; mas, foi-lhe respondido que o seu amigo morrera!

Ainda mais extraordinario é o caso daquele vigario de York, que tinha de ir com alguns amigos a uma pescaria em certa ilha, havendo os amigos combinado que o viriam buscar ao romper do dia. Primeiro, na escada, depois no seu quarto, uma voz o advertiu, dizendo: *Não vás com eles.* Retrucando o vigario: "Como poderei deixar de ir, se eles me vêm buscar?" a voz respondeu autoritariamente: *Fecha a porta á chave.* O vigario compreendeu que um perigo o ameaçava e se negou a acompanhar os amigos. No correr da manhã, teve a noticia de que estes se haviam afogado durante a expedição. E' evidente que semelhante aviso somente o

podem ter dado espiritos que não desconheciam o futuro.

Além disso, a telepatia, devemo-lo ponderar aos adversarios da hipotese espirita, é uma arma de dois gumes. Desde que os fantasmas dos vivos tornam inuteis os dos mortos, do mesmo passo os tornam possiveis. Com efeito, se um vivo pode aparecer e agir num lugar onde o seu corpo não se encontra, tem-se que admitir a possibilidade dele aparecer e agir, mesmo quando o seu corpo já não existe. Se o duplo do corpo pode separar-se deste, tambem pode sobreviver-lhe. Mas, ainda outra razão ha, verdadeiramente peremptoria, contra a objeção que se apoia na telepatia. Desde que o fantasma visto e fotografado não tem parecença alguma com o medium, não pode ser uma aparição deste. Aliás, quando se obtêm muitos fantasmas diferentes, de todo afastada tem que ser a ação do seu duplo.

"A existencia de um duplo, de uma atmosfera fluídica, a cercar e, por vezes, a substituir a nossa, se nos serve, diz Lombroso, para explicar alguns dos fenomenos hipnoticos, tal com o da visão á distancia, ou o da transposição dos sentidos, ou, ainda, outros fenomenos mediunicos, quais a visão em estado de letargia, os deslocamentos de objetos sem contacto, nas proximidades do medium, e,

tambem, os de bilocação, *jamais nos poderá dar uma explicação* de todos os outros fenomenos: premonições; materializações simultaneas de muitos fantasmas; aparição de uma força extraordinaria ou de uma inteligencia excepcional em individuos fracos ou incultos, como, por exemplo, crianças em tenra idade; levitações; deslocamentos aereos; incombustibilidade, etc., etc. Fenomenos são todos esses que nos obrigam absolutamente a admitir a tese espirita, isto é, a influencia dos trespassados."

*

* *

Evidentemente, o que expuz até aqui não passa de pequena parte de quanto seria possivel escrever sobre o assunto.

Eu poderia e deveria continuar, mas, se o fizesse, o meu objetivo de escrever um livro de vulgarização, um modesto volume de conteúdo inteligivel para toda gente, não seria alcançado.

Julgo, entretanto, conveniente e oportuno falar dos fenomenos premonitorios, valendo-me, para a minha exposição, de alguns casos escolhidos na inegualavel obra de Bozzano: *Os fenomenos premonitorios.*

CAPITULO VIII

FENOMENOS PREMONITORIOS

Na linguagem tecnica que a Sociedade inglesa de pesquisas psiquicas adotou, o fenomeno premonitorio é definido assim: "Presagio sobrenatural de qualquer acontecimento futuro". Na linguagem comum, damos a esse fenomeno os nomes de pressentimento, predição, profecia, etc.

Os mais correntes fenomenos premonitorios, diz Bozzano, se produzem durante o sono natural ou provocado, raramente no estado de vigilia, e os factos preanunciados se referem, na sua maior parte, á pessoa mesma que os percebe, menos frequentemente a outras pessoas e, ainda mais raramente, a sucessos politicos ou sociais.

Eis aqui alguns dos casos mais importantes:

No livro *A memoir of Mario*, por Godfrey Pearse e Frank Hird, á pag. 270, lê-se o caso

seguinte, relativo á morte da celebre cantora Julia Grisi:

"Na primavera do ano de 1869, Julia Grisi teve singular visão. Junto á cama onde ela dormia, apareceu-lhe o fantasma de sua filha Bella, que morrera em Brighton, no ano de 1861, anunciando-lhe que em breve as duas se reuniriam para sempre. O tenor Mario de tudo quanto poude se socorreu para reconfortar o espirito da Grisi e atenuar o acabrunhamento a que se entregara. Vãs, porém, foram todas as suas tentativas. Ela se mostrava convencida da realidade da visão e, por conseguinte, certa do seu fim iminente.

"A 5 de novembro de 1869, com efeito, morreu a grande cantora. A ultima palavra que pronunciou foi o nome de sua defunta filha. Voltando-se de repente para o meio da cama, abriu os braços, como para receber neles uma pessoa invisivel, e murmurou: "Bella!" Virando-se em seguida nos travesseiros, exalou o ultimo suspiro."

*

O snr. Thomas James Norris escreveu o que segue á Sociedade de pesquisas psiquicas:

"Ha 60 anos, morria no Condado de Leitrim a snra. Charleton. Era amiga intima de minha mãe. Alguns dias depois de sua morte, apareceu em sonho á amiga e disse-lhe: "Não mais me verás, nem mesmo em sonho, exceto uma unica vez, que será vinte quatro horas antes de tua morte." Em março de 1864, minha mãe residia em Dalkel, na companhia de minha filha e de meu genro, o dr. Lyon. Na noite de 2 daquele mês, no momento em que se retirava para o seu quarto, mostrava-se ela de bom humor e gracejava com o dr. Lyon. Pela madrugada, ouviu este um ruido no quarto de minha mãe. Despertou a esposa e mandou fosse ver o que havia. Ela encontrou minha mãe meio fóra do leito, presa de grande terror. Minha filha acomodou-a na cama e tentou reconforta-la. No dia seguinte, parecia completamente calma. Tomou na cama o seu café da manhã, comendo com apetite. Quando minha filha se dispunha a deixa-la, ela pediu que lhe mandasse preparar um banho e, tendo-o tomado, chamou minha filha e disse-lhe: "Minha amiga a senhora Charleton apareceu-me ao cabo de 56 anos. Disse-me estar proximo o meu fim e que eu morrerei amanhã de manhã, precisamente á hora em que me foste encontrar meio fóra da cama. Tomei um banho para que não tenhas o trabalho de me lavar o corpo." A partir desse momento, entrou a

declinar rapidamente e faleceu no dia 4 de março, á hora predeterminada. (O dr. Richard St. John Lyon confirma este facto pelas *Proceedings of the S. P. R.*, volume oitavo, pag. 376).

*

O dr. Macnish, na obra *Philosophie of Sleep* ("Filosofia do Sono"), relata o facto seguinte:

"Sustentam alguns haver pessoas que têm tido em sonho a indicação exata do dia em que morreriam e, para confirmar essa crença, muitas vezes se me ha narrado o caso do falecido snr. M... de D...

""O snr. M... sonhou uma noite que se achava no campo, a cavalo, e que se apeava numa hospedaria, afim de repousar. Encontrou lá reunidas muitas pessoas de seu conhecimento, porém, todas já mortas. Essas pessoas lhe dispensaram acolhimento muito polido e o convidaram a sentar-se e a beber com elas, ao que anuiu de boamente. Quando estava a despedir-se, os amigos lhe exigiram a promessa de voltar a visita-los naquele mesmo dia da semana, mas somente depois de decorridos exatamente seis semanas. Ele prometeu, montou a cavalo e regressou á casa. Tal o sonho conforme ele a gracejar referiu

a seus amigos, sem nenhuma preocupação, visto que era homem isento de superstições.

"Entretanto, bastante singular e, sobretudo, doloroso foi o seguimento dos factos, porquanto, seis semanas após o sonho, precisamente no dia em que tinha de cumprir a promessa, que fizera, de visitar os amigos defuntos, na hospedaria, ao forçar o seu cavalo a saltar uma barreira com que topara no caminho, caiu e morreu."

*

A atriz Dudlay, da Comedie Française, narra os factos seguintes, concernentes ao desgraçado fim da jovem comediante Irene Muzza, que morreu queimada no inverno de 1909:

"Ela era espirita convicta e alguns meses antes de falecer, durante uma sessão espirita em que se achava mergulhada em sono hipnotico, perguntaram-lhe se podia ver o que o futuro lhe reservava. Escreveu então estas palavras: "Breve será a minha carreira, não ouso dizer qual será o meu fim; será, porém, horrivel!" Emocionados, os experimentadores apagaram as palavras, antes que o medium despertasse, de modo que, ao menos,

nada viesse a saber do destino terrivel que para si proprio predissera.

"Passados alguns meses, no momento em que lhe aspergia os cabelos com uma loção antiseptica, composta de substancias minerais, a cabeleireira deixou cair algumas gotas do liquido numa lamparina de alcool acesa, produzindo-se uma chama que se comunicou aos cabelos e ás vestes da atriz, que ficou rapidamente envolvida pelo fogo, recebendo tais queimaduras que morreu no hospital ao cabo de poucas horas." (*Light*, 1909, pag. 122).

*

O barão Joseph Kramhelm de Podolfa (Russia) dá os seguintes detalhes, a proposito da morte, em junho de 1895, de um alto funcionario da marinha russa, em consequencia da colisão de dois navios a vapor, no Mar Negro:

"No começo do ano de 1895, a senhora Lukawski despertou certa noite com os gemidos de seu marido que, a dormir, gritava por socorro e se agitava de modo a parecer uma pessoa prestes a se afogar. Sonhava com uma terrivel catastrofe no mar e, quando despertou, disse que no sonho se achava a bordo de um grande navio que, de repente, começou a sossobrar, em consequencia de uma colisão com outro vapor, e que ele se via atirado ao mar e quasi a afogar-se. E acrescentava: "Estou agora convencido de que acabarei no mar a minha vida." Tão inabalavel era nele essa persuasão, que entrou a pôr em ordem seus negocios, como quem sabe estar com os dias contados.

"Dois meses passaram sem que coisa alguma acontecesse e já a impressão daquele sonho se ia apagando no espirito da senhora Lukawski, quando o Ministerio ordenou a seu marido que se aprestasse a partir com seus subalternos para um porto do Mar Negro.

"No momento de separar-se da esposa, na estação de Petersburgo, perguntou-lhe ele: "Lembras-te do meu sonho? Tenho a certeza de que não voltarei e de que não nos tornaremos a ver."

"Sua mulher procurou tranquiliza-lo; ele, porém, num tom de profunda tristeza, lhe retrucou: "Podes dizer o que quiseres; minha convicção não mudará; sinto que está proximo o meu fim e que nada poderá impedi-lo. Sim, sim, vejo de novo o porto, o vapor, a colisão, o panico a bordo, minha morte; tudo revive em meu espirito."

"Transcorridas duas semanas de extrema angustia, a snra. Lukawski soube pelos

jornais que no Mar Negro se dera uma catastrofe, em consequencia da colisão de dois vapores, o *Wladimir* e o *Sineus*. Tomada de despero, telegrafou ao almirante Zeleno, em Odessa, e depois de alguns dias recebeu esta resposta: "Até hoje, nenhuma noticia de seu marido; é certo, no entanto, que ele se achava a bordo do *Wladimir*.

Passada mais uma semana, chegou-lhe a comunicação oficial da morte do marido."

"Cumpre acrescentar que em seu sonho o snr. Lukawski se vira a lutar pela vida com outro viajante, circunstancia que se verificou com espantosa exatidão. Na catastrofe, um passageiro do *Wladimir*, o snr. Anike, se lançara ao mar com colete salva-vidas. Lukawski, que já se debatia nas ondas, ao ve-lo, logo para ele se dirigiu. O outro, porém, lhe bradou: "Não o pegue, que ele não pode sustentar duas pessoas." Sem embargo do aviso, Lukawski o apanhou, dizendo que não sabia nadar muito bem. "Tome-o, então, retrucou-lhe Anicke, sou bom nadador e de qualquer geito me tirarei da dificuldade." Nesse momento, uma grande vaga os separou. Anicke logrou salvar-se, mas Lukawski seguiu o seu destino." (*Light*, 1899, pag. 45).

*

Passo agora a referir um caso de premonição da morte de terceira pessoa. Trata-se de um episodio de sonambulismo magnetico, descrito pelo dr. Rostan e reproduzido pelo dr. Mirville, em seu livro: *Dos espiritos e de suas manifestações*, pag. 48:

"A proposito de previsão sonambulica, comprovei factos muito singulares e sou forçado, quasi a meu mau grado, a crer nas minhas numerosas observações. No hospital da Salpetrière, puz uma mulher em estado de sonambulismo, na presença de uma comissão de medicos. A sonambula estava sentada na cama, em atitude de profunda calma, quando, de subito, se tornou inquieta, como se fôra acometida de um sofrimento. Perguntei-lhe o motivo de tal mudança e ela, após longa hesitação, respondeu: "Sinto que Felixina se aproxima."

Decorridos alguns momentos, abriu-se a porta e a pessoa anunciada entrou. Entretanto, a sonambula parecia mais agitada do que nunca e, como insistissemos por saber a razão disso, ela respondia evasivamente que não desejava afligir a amiga presente. Não sabendo que revelações poderiamos esperar, pedimos a Felixina que saisse e, diante da nossa insistencia renovada, disse por fim a sonambula: "Julgam os medicos que ela está

doente do peito, mas enganam-se: a sua enfermidade é do coração." E acrescentou: "Dentro de quatro dias, isto é, sabado, ás 5 horas, terá uma violenta hemorragia; tirar-lhe-eis sangue, mas não lhe obstareis á morte, que se dará seis dias depois."

"Ora bem! no sabado indicado, ás 5 horas, teve a enferma uma violenta hemorragia. De acordo com as prescrições da ciencia, praticaram-lhe uma sangria, mas isso não impediu que seis dias mais tarde a predição se realizasse completamente: a autopsia confirmou o diagnostico da sonambula."

*

Relatarei agora um caso de previsão de diversos acontecimentos. O Conde Joseph Valentinis enviou á *Revue des Études Psychiques* (1902, pag. 200) a narrativa seguinte:

"A 8 de dezembro de 1894, ao cair da tarde, um alfaiate natural da minha terra (Monfalcone), chamado João Pian, estava sentado junto á lareira, muito pensativo e preoccupado com uma pequena divida que tinha de pagar no dia seguinte, sem saber onde buscar o dinheiro de que precisava. Todavia, mau grado ás suas preocupações, acabou por adormecer. Não soube dizer-me quanto tempo esteve a dormir, mas deve ter

sido por poucos minutos, pois foi subitamente despertado por uma forte corrente de ar, enquanto uma voz lhe murmurava ao ouvido: "Joga 3, 15 e 18." O alfaiate reconheceu a voz e ficou tomado de terror: era a de sua nora Elisa Pian, Marcorin em solteira, e que morrera oito dias antes. Ele jogou (no *Lotto,* jogo italiano) os tres numeros e os tres sairam na ordem mesma em que os ouvira da voz misteriosa. (Seguem os atestados de Nina, Pedro, Joseph Pian).

*

"Um dia do mês de novembro de 1913, conta o professor Richet, veiu á minha casa o dr. Tardieu, excelente medico, que me fez a narração seguinte:

"Em 1869, estando eu a passear com um amigo no jardim do Luxemburgo, vi de subito esse amigo exaltar-se e ficar depois como em extase. "Singular! disse-me ele, vestes um uniforme militar, estás a contar dinheiro num kepi e eis-te num caminho de ferro. Onde vais?... A Sedan!... Deus!... Que horror! Oh! que coisa pavorosa! Que massacre! Mas, tambem eu estou uniformizado, morro ao cabo de tres dias e tu ficas para proteger meus tres filhos! Espera! Ainda 40 anos! Quanto sangue derramado!

Que carnificina! Aqui está, porém, a França no Rheno... Colonia, Coblença! Oh! França! és grande e todos os povos te admiram!"

"Ora, a primeira parte dessa predição se realizou em todos os pormenores. Vim ter com o senhor, porque tambem a segunda parte está a pique de realizar-se.

"Confirmo que o dr. Tardieu me narrou estas coisas em 1913. Poderá dizer-se que não se trate de uma predição autentica, de natureza a fazer-nos refletir sobre a possibilidade do espirito humano prever de antemão os acontecimentos?"

*

Quem ousaria, diante de tais factos, assinar limites ao possivel e definir a vida? Relatei apenas pouquissimos casos dentre o acervo imenso dos fenomenos premonitorios. Dispenso-me de citar outros e de proceder ao exame das diferentes hipoteses aventadas até hoje para os explicar, pela razão de que teria de escrever um grosso volume. Os que acabo de expor bastam não só para demonstrar a existencia de fenomenos que se conservam fóra do ambito das conhecidas leis da psico-fisiologia e para cuja explicação o positivismo materialista não apresenta nenhuma hipotese capaz de lhes penetrar na genese,

mas tambem que não é possivel deixar-se de admitir a existencia de um espirito sobrevivente ao corpo, donde resulta que necessariamente existe uma outra vida.

Com efeito, em face dos fenomenos premonitorios, que temos forçosamente de admitir, por serem daqueles cuja realidade não padece dúvida, a posição do positivismo materialista pode ser considerada insustentavel. Pois que, segundo os materialistas, não existe um espirito que sobreviva á morte do corpo, todo fenomeno premonitorio teria necessariamente de originar-se na subconciencia. Mas, nesse caso, aceitando-se por um momento a tese que eles sustentam, teriamos de principiar, como com justeza observa Bozzano, perguntando a que hipotese se deveria recorrer para explicar o conjunto, ou, pelo menos, a maior parte dos fenomenos premonitorios. Não seria de certo á hipotese das coincidencias fortuitas, com a qual a nada se chegaria, salvo a esclarecer alguns casos dos mais simples e menos interessantes.

Tampouco á hipotese de uma percepção telepatica nas subconciencias humanas, porque isso equivaleria a admitirmos que nelas poderiam existir traços de acontecimentos vindouros e, por conseguinte, que, estando os proprios acontecimentos, de alguma forma, predeterminados, seriamos levados por aí á

hipotese da reincarnação, que implicaria a preexistencia e a sobrevivencia.

Não haveria de ser, igualmente, á hipotese da "percepção telepatica de vestigios existentes num plano astral", porquanto assim se admitiria a existencia de entidades prepostas ao governo dos destinos humanos, que, então, não poderiam deixar de ter uma finalidade ultra terrena. Menos ainda a uma variante da mesma hipotese, variante segundo a qual os vestigios consistiriam no pensamento das inteligencias espirituais incumbidas de dirigir o curso dos acontecimentos humanos, pensamento que os sensitivos perceberiam telepaticamente, o que subentenderia ainda a idéia espiritualista e a sobrevivencia.

Pode-se, pois, afirmar que os partidarios do positivismo materialista não possuem, como acabo de dize-lo, nenhuma hipotese capaz de explicar no todo ou em parte os casos de premonição.

Então, a maioria deles toma o partido mais comodo, porém, do mesmo passo, o mais absurdo, o de tudo negarem e racionarem como o snr. Heuzé: "Parece-me, diz este, que, se a previsão fosse possivel, teriamos dela provas evidentes e indiscutiveis. Para que haja ciencia, necessario é que haja prova. Diga-nos, pois, um medium, apenas, que tempo fará daqui a oito dias, que cavalo ganhará amanhã em Auteuil. Ou, ainda mais simplesmente: aqui está uma roda numerada a girar; dizei-me, alguns momentos antes que ela pare, sobre que numero parará. Nenhum medium é capaz disso."

Ao snr. Heuzé responderei que os fenomenos premonitorios se apresentam espontaneamente. Trata-se de observações e não de experiencias; são comprovados, não produzidos.

Nenhum valor tem a objeção de que um fenomeno só é admissivel se pode ser reproduzido em laboratorio. Opinião é essa absolutamente falsa. Uma estrela cadente, um bólido, um uranólito, uma tempestade, uma perturbação magnetica, um eclipse solar, etc., etc., não podem ser reproduzidos á nossa vontade e, no entanto, são verdadeiros. A impossibilidade de explicar o fenomeno não nos autoriza a nega-lo, porquanto compreender ou não uma coisa, explica-la ou não nenhuma importancia tem, do ponto de vista da sua realidade.

São reais os factos? Essa a questão que temos de examinar. Respondo: são; as explicações temos que as procurar e os resultados não nos devem espantar.

"Os avisos existem e estão excelentemente provados", respondeu o snr. Richet a

Heuzé, e eu acrescentarei que não ha facto historico ou cientifico que se ache confirmado por tão grande numero de testemunhas.

Ora, supor que todas essas testemunhas estivessem com os olhos vendados, ou que fossem impostoras, ou que tenham sido enganadas, é hipotese *absolutamente insustentavel.*

CONCLUSÃO

Ninguem morre!

Esta a grande verdade que, varrendo os erros do insustentavel principio materialista, poderá, se for propagada, conhecida e realmente sentida, erguer, do lôdo onde chafurdou, a humanidade e encaminha-la para a senda do bem, do honesto, do justo.

A morte mais não é do que uma fase da evolução do Espirito: não ha interrupção entre esta vida e a outra; ha, ao contrario, continuidade.

E' exato! Não podemos conhecer tudo. Na hora presente, muitos problemas ainda aguardam solução, as nossas humanas forças ainda não chegam a dissipar muitas trevas e cerca-nos o desconhecido sem limites! Isso, porém, não nos autoriza a admitir a negação daquilo que a prova dos factos experimentais demonstra incontestavelmente, a saber:

Deus existe, o nosso corpo se destroe,

mas a nossa alma vive no Infinito e na Eternidade e pode revelar-se aos vivos.

Certamente, são raras as manifestações do Além, mas não se pode exigir que os trespassados estejam sempre á nossa disposição e que respondam a todas as nossas perguntas. Assim é, porque tal é a lei e fôra estupido querermos determinar o que deveria ou não suceder, no tocante ás nossas relações com o mundo transcendental.

A vida espiritual tem suas lei indefectiveis e absolutas, que muito longe estamos de conhecer. Em consequencia, que sabemos acerca dos deveres de uma entidade desincarnada, deveres que podem obstar a que se conserve ás nossas ordens? (1) Em suas revelações, declaram os Espiritos que grandes dificuldades se opõem ás suas tentativas para se comunicarem com os vivos e que essas

(1) E que sabemos do estado *post mortem* da alma com quem desejaramos comunicar-nos?

"Tantas almas, quantos estados, diz muito bem a senhora Th. Darel, em sua notavel obra: *A experiencia mistica e o reino do Espirito*. As almas de condição elevada, que o pensamento *in extremis* não precipita num abismo de perplexidades, rapidamente se liberam e podem, desde logo, manter, com os humanos que elas visitam, relações de sentimento e de vida inteligente, que dependem da qualidade dos instrumentos de que disponham, isto é, dos proprios humanos. Os casos perfeitos são dos mais raros. As mais das vezes, a intercomunicação é parcial, incompleta, abortiva..." (TH. DAREL, *A experiencia mistica e o reino do Espirito*. Edição da "Revue Mondiale". Paris. 1932).

dificuldades são necessarias, providenciais e benfazejas, porquanto, com o existirem elas, o homem se vê obrigado a exercer suas proprias faculdades de raciocinio e a vencer, por seus esforços, os embaraços que de todos os lados o constringem!

A nossa vida, repito-o, não acaba com a morte; prossegue no além e nós ignoramos os verdadeiros motivos e as finalidades de tudo o que nos sucede, de tudo o que nos proporciona um gozo ou uma dor. Não nos é dado determinar a essencia mesma dos factos. O que, num momento, nos causa prazer, bem pode ser que amanhã nos aflija, e vice-versa.

O que podemos afirmar é que tudo o que ocorre tem a sua razão de ser, razão que muitas vezes se nos conserva oculta, e que certos acidentes da vida, que costumamos atribuir ao acaso e nos parecem insignificantes, não são fortuitos, não têm um fim em si mesmos. Tais acidentes, a seu turno, se tornam causas de outros efeitos, cuja importancia, não raro, nos escapa e que apreciamos de maneira erronea, porque não chegamos a lhes determinar as finalidades.

E não pode ser de outra forma. Imensa, ilimitada é a nossa ignorancia; a nossa concepção moral, essa é desfigurada e relativissima, quanto ás contingencias de tempo

e de lugar, e, no mesmo tempo e no mesmo lugar, muito relativa quanto aos individuos; a idéia da nossa existencia é tão falsa, que não podemos estabelecer com exatidão, ou aproximadamente, as finalidades dos factos individuais ou sociais.

Daí resulta que, quando qualificamos de moral ou imoral um facto, de util ou nocivo, emitimos um juizo que pode muito bem ser exato relativamente á nossa concepção moral, á noção que tenhamos do bem e do mal, mas que será sempre muito relativo tambem, porque se cinge ao facto em si mesmo e ao momento atual, quando ainda não conhecemos, nem podemos conhecer quais serão no futuro as suas consequencias e as suas repercussões, não só na ordem material, como, sobretudo, na ordem moral e espiritual.

E' de tal evidencia esta verdade, que considero inutil insistir, apresentando exemplos. Que de vezes "nos ha sucedido maldizer um acontecimento da nossa vida, que no primeiro instante nos dera a ilusão da felicidade, mas que, depois, nos causou desgostos, pesares, dores? E quantas vezes não se ha verificado o oposto?

Quantas vezes somos forçados a repetir o ditado: "Ha males que vêm por bens?"

Ora, se tudo isto é verdadeiro, se é inegavel, em face da nossa experiencia de todos

os dias, que devemos pensar de tudo aquilo cuja apreciação nos escapa e que não apreendemos, por pertencer ao dominio da espiritualidade?

Pois que tudo o que acontece tem que acontecer (a palavra "acaso" foi inventada para justificar a nossa colossal ignorancia), pois que não podemos apreciar um sucesso no momento em que se produz, por lhe desconhecermos as consequencias imediatas e mediatas, prudente é recebermos com calma os acontecimentos ditosos e inditosos da nossa vida (1), como insensato é querermos negar a grande verdade da existencia de Deus, por motivo de todos os factos que se nos afiguram atrozes, desarrazoados e caprichosos e que parecem contradizer a bondade do Criador:

State contente umane genti al quia
Che se potuto aveste saper tutto
Mestier non era partorir Maria (2).

(DANTE).

---

(1) "Wait and see", esperai e observai. Pratiquemos esse mandamento da sabedoria inglesa. Ele não nos prescreve que suportemos passivamente o què o amanhã nos reserve, mas, ao contrario, que bem empreguemos o olhar, para vermos no futuro tudo o que já possamos distinguir, afim de agirmos com toda a nossa energia, desde que se nos torne possivel faze-lo.

(2) "Resignai-vos, humanos, ao misterio — Pois, se pudesseis saber tudo — Não havia mistér que Maria fosse mãe."

Aliás, muito mais abundantes são as razões que temos para crer, do as que nos possam induzir a não crer.

Que sabemos de uma infinidade de problemas?

Que é a materia?

Que é a electricidade?

Que é o tempo?

Que é o espaço?

Qual o misterio da nossa existencia mesma?

Que é a nossa vida terrena diante da Eternidade?

Que somos em presença do Universo?

A ignorancia e a arrogancia são realmente de espantar!

E então?

Então, temos que cuidar de saber viver!

E, para sabermos viver, temos de convencer-nos de que a nossa existencia não finda neste mundo.

Precisamos elevar constantemente o olhar para as estrelas...

Só assim, assim somente, olhando para o Alto, onde rebrilha, fulgente e intensa, a Luz eterna, que é Bondade e Amor, apren-

deremos a viver este instante de vida terrena, *sem maldade e sem odio*, e conseguiremos tornar-nos bons, assegurando a vitoria ao que ha em nós de melhor, ao que se elevará nos espaços etereos, eterno e imortal:

O ESPIRITO.

CENTRO ESPÍRITA
"Ivon Costa"
R. Barão São Marcelino, 570
JUIZ DE FORA